

Trabalho Final de Graduação
Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal da Fronteira Sul.
Discente: Tainara Alves Pereira
Orientadora: Melissa Laus Mattos
Erechim, 2019

A “Cultura não é acessório da condição humana, é sim seu substrato” (GRUMAN, 2018), que torna possível a reflexão crítica do indivíduo acerca de si e da sociedade em que está inserido.

Assim, fomentar a produção cultural e dar acesso amplo e democrático aos produtos culturais é condição fundamental para o desenvolvimento mais igualitário de uma sociedade. Valorizar a cultura não é apenas patrocinar o artista, mas possibilitar que o máximo de pessoas possível tenha acesso ao sistema de produção cultural, se não, idealmente,

como produtores, ao menos como consumidores efetivos (COELHO, 1989). Tendo isso em vista, a distribuição igualitária de bens culturais poderia ser a base para uma política cultural que visa dirimir desequilíbrios sociais; é sabido que o acesso à informação e o domínio do saber são ferramentas que permitem ao indivíduo competir com maiores oportunidades (MILANESI, 2003), apesar de não ser uma regra, essa habilidade de assimilar conteúdos e questionar o meio tem capacidade de tornar as pessoas mais iguais (COELHO, 1989).

Liberdade para todos, quer dizer, cultura para todos, é utopia, no Brasil. Mas esse reconhecimento não deve assustar, impedir a ação: utopia e cultura são verso e reverso de uma mesma entidade. Apos- tar num é construir o outro.

– COELHO, 1989, p. 123.

Em vista disso, o acesso à cultura não é necessário apenas à certos estratos da população, nem os espaços culturais devem ser voltados a certas atividades restritas, a Casa da Cultura deve ser um espaço livre, flexível e heterogêneo, que reflita a dinamicidade da construção cultural em si. Nesse sentido, o papel dos espaços de cultura é fomentar essa capacidade de romper e criar.

A casa da Cultura é um núcleo articulador de ações que se ramificam pela cidade, um centro irradiador e não uma fortaleza cercada por um muro que só os iniciados atravessam. (MILANESI, 2003, p. 198).

A partir dessa problemática, este trabalho pretende propor um equipamento cultural, especificamente uma Casa de Cultura para a cidade de Canoinhas/SC, que supra as demandas das dinâmicas sociais da cidade de inserção e reflita sua importância na própria formação do indivíduo. Para isso, objetiva-se através do projeto propor espaços de ensino, ensaio, apresentações e exposições de arte, que contemplem, não apenas as atividades tradicionais de Casas da Cultura e museus de exposições itinerantes, mas que também contribuam na produção e valorização da cultura local.

/objetivos específicos

- Propor um equipamento cultural que supere as demandas da atual Casa de Cultura e do Museu de Artes de Canoinhas, através de espaços propositivos e polivalentes;
- Consolidar um núcleo cultural para a cidade de Canoinhas, Santa Catarina;
- Promover um espaço influente nas dinâmicas culturais que envolvem a cidade e que reflita seu papel como atenuante das desigualdades sociais.



Vista geral a partir da Rua Vidal Ramos

“Cultura não é uma ação cosmética de imediato e rápido efeito, mas um investimento com retorno garantido, mesmo sendo a longo prazo.” (MILANESI, 2003, p. 56).

A disseminação dos bens culturais de maneira mais democrática poderia dar suporte à uma política cultural mais atenta aos desequilíbrios sociais. Tendo isso em vista, a casa de cultura é a concretização de uma forma de encarar a atividade cultural, o que a define não são as atividades que ela se propõe, mas as pessoas e as relações que se estabelecem em seu interior (MILANESI, 2003).

Desta maneira, segundo Coelho (1989) é papel do equipamento cultural não ter apenas espaços propositivos, mas polivalentes. Essa abertura através de um programa e uma arquitetura flexível é fundamental para dar às pessoas o poder de escolha, mas também para evitar reforçar estereótipos, assim evitando cair na armadilha do assistencialismo cultural. É fundamental, portanto, reconhecer a casa de cultura enquanto núcleo articulador de ações que se ramificam pela cidade, um centro irradiador e gerador das ações culturais que tem como principal objetivo promover a capacidade de análise crítica e a criatividade da população que o frequenta. (MILANESI, 2003).

[...] no instante em que ficar claro ao cidadão que o acesso ao conhecimento é fundamental para a sua própria existência como para a vida coletiva, isso passará a ser reivindicado como um benefício essencial. (MILANESI, 2003, p. 211-212).

No entanto, o espaço cultural é, prudentemente, evitado pelas massas na forma como é habitualmente apresentado. Por isso, é desejável um espaço acolhedor, que seja um ambiente generoso, atraente à população, quase como uma armadilha que os leva ao caminho irreversível da reflexão (MILANESI, 2003).

A atividade cultural instiga, perturba, incomoda e, por isso, não espera que o espaço onde ela se desenvolve seja lugar exclusivamente de lazer e procurado por multidões. Ele mostra, simples, um lado que nega a familiaridade do conhecido, o apaziguamento que traz o já visto e estranhado no cotidiano. É um paradoxo: a casa deve atrair pessoas para o desconforto do novo e a reflexão.

– MILANESI, 2003, p. 47

Para Milanesi (2003), existem três verbos principais conjugados no espaço cultural: informar, discutir e criar.

INFORMAR

Área de acesso ao conhecimento



Refere-se ao acesso às informações promovido pelo local, que não deve ater-se apenas a espaços de acervos, exposições e aulas, mas também prestar informações práticas, relativas ao mercado de trabalho, à defesa do consumidor, encaminhamentos de questões jurídicas e demais questões que promovem o desenvolvimento da cidadania.

DISCUTIR

Espaços para convivência e debate



Refere-se a adoção de uma postura proativa, através da promoção de espaços de encontro, passíveis de iniciativas de grupos, cooperativas e sindicatos na construção de ciclos de debates, seminários, etc. que promovam a reflexão crítica dos indivíduos.

CRIAR

Setor de oficinas e laboratórios



É o que dá sentido aos dois outros. A criação permanente é a principal função dos espaços de cultura, além da disseminação e discussão do conhecimento, é crucial que as pessoas desenvolvam seus próprios discursos, podendo expressá-lo através da escrita, do gesto, das formas, dos sons e das mais variadas formas.

CULTURA

O que é cultura?

Que Cultura fazer no seu centro? O verbo “fazer” já impõe uma questão: faz-se Cultura? ou tem-se? Eu obtenho ou produzo Cultura? Ambas? Em que medida e de que maneira? Antes de tudo, é preciso atravessar um campo pleno de armadilhas: conceituar Cultura. (MILANESI, 1997, p. 138).

De maneira geral, o termo “cultura” é muito controverso. Diversas tentativas de sua conceituação precisa resultaram num acúmulo de reflexões sobre o assunto. Segundo Tylor (apud LARAIA, 2006, p.25), a cultura é formada por um sistema de símbolos e significados, que inclui “[...] conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Configura-se como palavra que a priori remete à nossa relação com o mundo, à civilização, ao conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distingue um grupo sociopolítico e permite que ele se reconheça. [...] aquilo que os homens criam, atribuem sentido, transformam e podem compreender.

– CAMPOMORI, 2008, p. 75

Semelhante a esse pensamento, para Santos (1986) a cultura pode ser compreendida de maneira mais genérica, relacionada a tudo que caracteriza uma população humana, sendo subdividida em duas concepções principais; a primeira remete a todos os aspectos de uma realidade social, “[...] diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade.” (SANTOS, 1986, p. 24).

A segunda diz respeito estritamente ao conhecimento. Neste caso, [...] estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. [...] a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social. (SANTOS, 1986, p. 24-25).

A cultura, neste trabalho, portanto, é considerada plural, uma miscelânea de conceitos e símbolos complexos que envolvem tudo aquilo que o indivíduo adquire e produz intelectualmente em sociedade. Dessa forma, pretende-se neste capítulo, discutir e analisar social e a prática cultural afeta o convívio social e qual o papel possível da arquitetura nesse contexto.

DESIGUALDADES

O acesso a cultura pode colaborar na redução das desigualdades sociais?

A cultura parece... em primeiro lugar, ser o conhecimento que transforma o homem em algo mais do que um acidente do universo, seja aprofundando sua harmonia com o mundo, seja pela consciência lúcida de sua revolta contra ele... A Cultura é a síntese de todas as formas de arte, de amor, e de pensamento, que, no decorrer dos séculos, permitiram que o homem fosse menos escravizado.

– MALRAUX, 1967, tradução nossa

Demandar a democratização e expansão do acesso à cultura é uma pauta recorrente nos movimentos sociais atuais; as relações de poder que envolvem o domínio do saber são uma realidade impositiva na quebra do paradigma atual. A cultura é um produto da história coletiva que reflete as tendências e conflitos sociais enfrentados ao longo dos anos. Isso é especialmente relevante quando têm-se em vista as mazelas culturais do povo brasileiro, que ainda sofre com uma formação intelectual fraca que repercute na capacidade de reflexão das novas gerações (SANTOS, 1986).

Conforme Milanesi (2003), a discussão acerca do público a ser abrangido pelos espaços de cultura é raramente posta em pauta. Tendo em vista a fragmentação social do Brasil, há uma tendência de priorizar esse acesso às classes menos privilegiadas. No entanto, a ação e os espaços culturais extrapolam tais intenções voltadas à uma parcela da população, pois propõem-se a reunir um público heterogêneo, visto que

o mais importante não é suprir as demandas de um estrato social, mas suprimir tais divisões (MILANESI, 2003).

Por não ser de uma camada ou de uma classe, a Casa não será política ou neutra. Pela sua própria proposta, ela será desde o início contra o estado das coisas. Isto já lhe dá seu tom político. (COELHO, 1989, p. 113).

Quando dirige-se a uma população concreta, a ação cultural tem capacidade de fazer com que as pessoas tomem consciência de si mesmas e de si perante ao coletivo, essa compreensão traz tensões à tona, mas também favorece o diálogo, que pode resultar em um novo tipo de sociedade. Conforme Coelho (1989), confrontar essas diferentes consciências tem um resultado pacificador e propositivo no surgimento de uma cultura viva, independentemente de seu status social.

CONSUMO VS. PRODUÇÃO

Qual tipo de acesso é desejável nos equipamentos culturais?

Não existe uma cultura popular, ou uma cultura operária, ou uma cultura camponesa ou erudita. Existe a cultura viva e a cultura morta, existe a cultura de consumo (de bens eruditos ou populares ou operários – e consumir é matar), e a cultura de produção pelo indivíduo em grupo, com bens seja de que origem for. (COELHO, 1989, p. 113).

A questão do acesso a cultura também é permeada por discussões acerca do tipo de acesso que se tem interesse em proporcionar para a população. É melhor que eles consumam ou que produzam? Numa sociedade capitalista, o primeiro impera praticamente sem concorrência. É certo que, entre acesso nenhum ou acesso através de consumo, é preferível o consumo, mas essa solução está distante de uma situação ideal.

Como viu-se anteriormente, a relação passiva com a cultura é limitadora na reflexão e no pensamento crítico. À tempos discute-se sobre “cultura de massa”, que nada mais é do que cultura de consumo (COELHO, 1989), cuja principal fonte de conhecimento são os veículos de comunicação populares, especialmente a televisão (MILANESI, 2003).

No entanto, não se trata aqui sobre eliminar todos esses mecanismos “de massa”,

mas constatar que os artigos produzidos por essa indústria não cumprem as funções desempenhadas pela produção cultural própria (COELHO, 1989). Assim, a Casa irá contra essa cultura de massa, criando meios para que cada local descubra uma forma própria de encarar e fazer cultura, fugindo da dependência de instâncias superiores.

A Cultura da cidade, [...] desenvolve-se no sentido de estimular a sua própria produção, independente da qualidade que possa apresentar. (MILANESI, 2003, p. 188).

Essa falta de padrões de qualidade da produção cultural local não significa que o que é produzido ali seja sem validade, pelo contrário, independentemente de qualquer padrão proposto, em cultura, a ação cultural “[...] é a única coisa que importa [...]” (COELHO, 1989, p. 100).

Apesar de todo seu potencial transformador, a casa de cultura sozinha, não basta. É preciso que ela alie-se à educação, que a educação aconteça junto com cultura e arte, só através da ação conjunta (ensino e produção cultural) é que permite-se a possibilidade de questionar valores, hábitos, tradições, e alterá-los frente às modificações no pensamento da sociedade (COELHO, 1989).

NOMENCLATURAS

O que é o quê?

Espaço cultural

- geralmente oriundo de iniciativa privada;
- dedica-se a promover atividades culturais isoladas;
- apresentam um programa simples e específico.

Centro cultural

- caracteriza-se comumente como uma instituição mantida pelo poder público;
- tem um grande raio de abrangência, com equipamentos e acervo permanentes;
- programa variado, desenvolvendo atividades simultâneas de maneira organizada e duradoura.

CASA DE CULTURA

Possui duas principais concepções:

A

- pequenas instituições voltadas à divulgação de modos culturais específicos ou à produção de personalidades destacadas;
- quase sempre mantêm uma programação constante e especializada.

B

- atuando como um centro cultural em menor escala, atendendo extratos isolados de cidades, com bairros e periferias, ou cidades de pequeno porte;
- não necessariamente possui um acervo ou variedade de equipamentos, e, apesar de ter também a função de reprodução da cultura instituída, é mais direcionada para as atividades de formação cultural e de incentivo à produção cultural local.

Enquanto o centro cultural e o espaço cultural são, este mais do que aquele, locais destinados primordialmente à recepção da cultura [...], a casa de cultura pretende-se um local de convivência sociocultural e de produção de modos culturais mais visceralmente ligados às comunidades em que se situam.

— COELHO, 1997, p. 167

Para fins de análise e discussão, o presente trabalho aborda o conceito de “espaço cultural” mais amplamente empregado, também abordado por Coelho (1997), que refere-se “à qualquer lugar destinado à promoção de cultura”. Enquanto na utilização do termo “casa de cultura”, visa-se especificamente a primeira noção apresentada pelo autor.

CANOINHAS/SC



Localização
Canoinhas, Santa Catarina



População [2010]
52.765 hab.



Fundação
12 de setembro de 1911



População urbana [2010] 39.273 hab. (74%)



Economia
Majoritariamente baseada no setor primário (agropecuária), 3ª posição no estado



Capital mais próxima Curitiba, Paraná (180 km.)

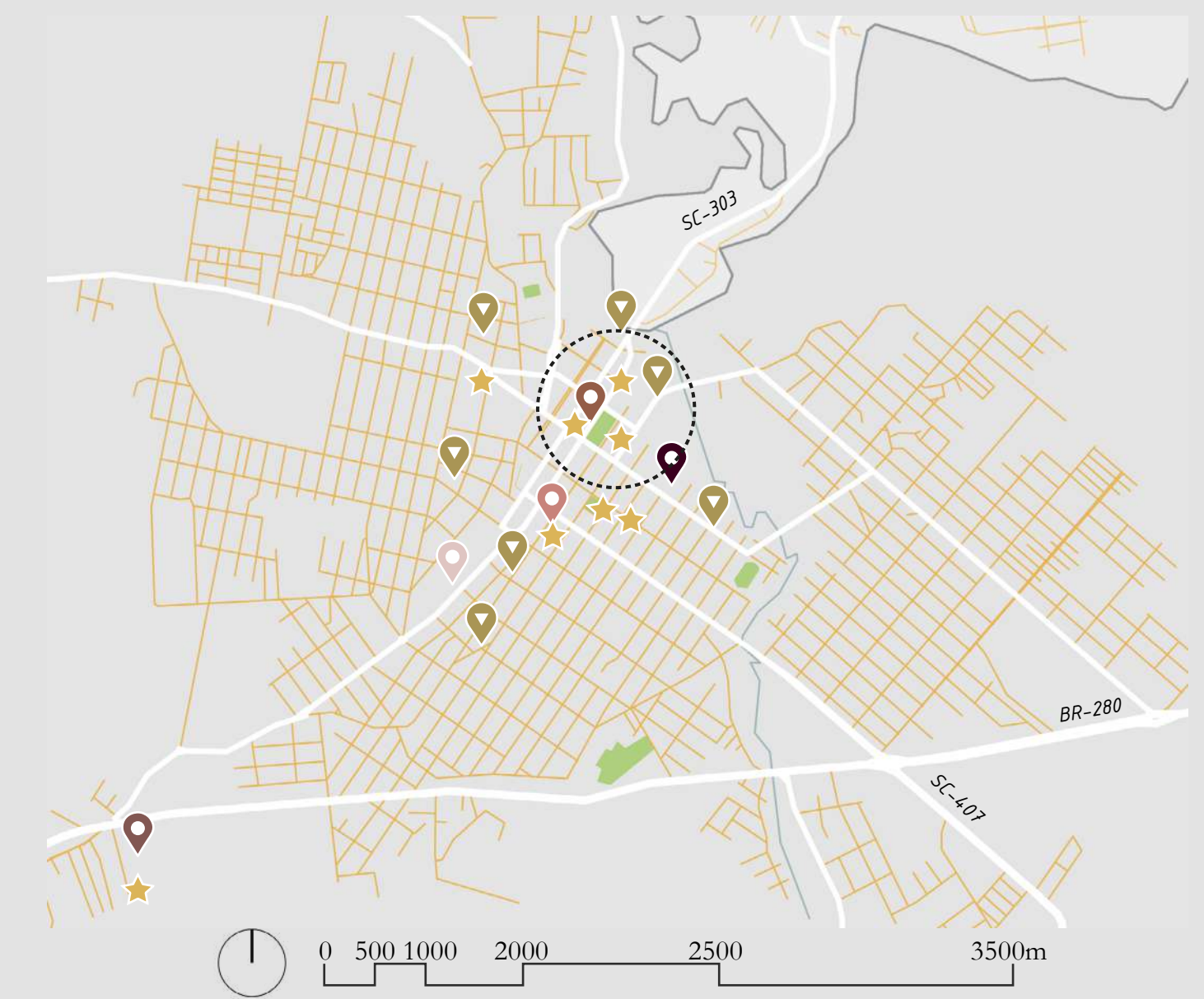
Canoinhas é uma cidade do estado de Santa Catarina, que faz parte da Região Geográfica Imediata de Mafra. Com pouco mais de 52 mil habitantes, o município é considerado um Centro de Zona, conforme o IBGE, o que configura numa área de influência em relação aos municípios limítrofes de menor porte, que vão até a cidade em busca de bens e serviços. Nessa perspectiva, a inserção e manutenção de equipamentos culturais em cidades de menor influência nacional e estadual, mas de grande influência regional e local é indispensável, considerando que cerca de 80% são apenas

Centros Locais e dependem diretamente da atuação desses Centros de Zona para terem acesso a um conjunto de atividades mais variado.

Tais fatores, além de uma realidade socioeconômica precária em relação ao estado, revalidam a importância da oferta de cultura na região de inserção, de maneira a aproximar e instigar os indivíduos a frequentar esses espaços promotores de cultura que são, também, formadores de uma população mais crítica e vigilante.

ANÁLISE URBANA

de usos culturais



/ Legenda

- FCC/MAC
- Pista de skate
- Pq. exposições
- Casa de Cultura
- Banda Militar
- Academias de dança
- Atv. periódicas
- Ruas secundárias
- Ruas principais
- Rio Canoinhas
- Áreas verdes
- Recorte

Observando as atividades culturais que acontecem na cidade, é possível perceber que há diversos pontos de iniciativa privada e de atividades periódicas, que são feiras, cursos de dança, e eventos culturais em geral organizados pela iniciativa pública, frequentemente em parceria com a indústria e o comércio.

O local de implantação escolhido se destaca como pertencente ao núcleo principal de atividades, tal escolha fortalece a cena cultural e é um local de fácil acesso e grande circulação de pessoas, o que fomenta e traz visibilidade para as atividades culturais que estão ocorrendo na cidade.



- Localização central e de fácil acesso;
- Implantação que atenda o máximo de pessoas possível;
- Local de grande fluxo de pessoas;
- Proximidade à outros equipamentos públicos, especialmente a Fundação Cultural e a Biblioteca Pública;
- Terreno que não esteja cumprindo com sua função social;
- Local com carência de espaços públicos de qualidade;
- Relação direta com a rua (sem grandes desníveis);
- Proximidade ao Terminal Urbano.

Contexto cultural



Imagem 1

/ Fundação Cultural de Canoinhas (FCC)
É responsável por coordenar, fomentar e implementar a política pública cultural do município. Localizada no antigo prédio da Prefeitura Municipal (edifício de 1943) (imagem 1), junto ao Museu Histórico e à Biblioteca Pública (imagem 2), é uma autarquia municipal sem fins lucrativos. A Fundação promove diversas atividades em todo o território do município.

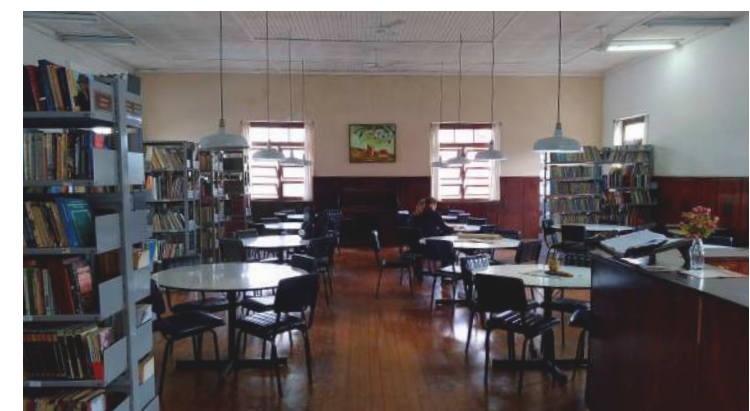


Imagem 2

/ Biblioteca Pública Alinor Vieira Corte
Com um acervo de 16,5 mil livros para consulta e empréstimo, a biblioteca conta com o acervo principal, gibeteira, biblioteca infantil e arquivo histórico. Localizada no segundo pavimento do edifício da FCC (imagem 1), ocupa um espaço de cerca de 280 m². O local não cumpre com normas de acessibilidade e possui pouco mobiliário e equipamentos de apoio.



Imagem 3

/ Museu Histórico Orty de Magalhães Machado
Possui um acervo fixo de armas, objetos, utensílios domésticos, instrumentos de trabalho, fotos dos índios xoklengs, dos pioneiros de Canoinhas e região e antiguidades da Guerra do Contestado, é organizado e mantido pela Fundação Cultural (imagem 3).

MUSEU DE ARTES DE CANOINHAS

/ principais atividades que abriga

- Exposições itinerantes de artistas locais;
- Apresentações de grupos de dança;
- Cursos de dança de salão;
- Apresentações de músicos;
- Lançamento de livros.

/ frequência

Periódico, funciona mais no período noturno passando a maior parte do tempo fechada.

/ situação

Espaço inadequado e pequeno para o tipo de atividades que recebe.

CASA DE CULTURA

/ principais atividades que abriga

- Aulas de violão, violino, violoncelo, canto, canto lírico, teatro adulto e infantil, teclado, guitarra, artesanato, acordeão e inglês (noturno);
- Apresentações externas;
- Atividades com Instituições, como APAE.

/ frequência

Diário, recebe cerca de 150 alunos por semana, funciona nos três períodos do dia.

/ situação

Espaço locado, inadequado e pequeno para a demanda.

PROPOSTA

Unificar todas atividades em um local próximo a Fundação Cultural de Canoinhas, colaborando na solidificação de um núcleo cultural na cidade.



Vista geral a partir da Praça Lauro Müller

Calçadas de pedra portuguesa Edificação a ser desocupada (Antigo Fórum) Acesso plano Fundação Cultural



Imagem 4. Vista da Rua Vidal Ramos

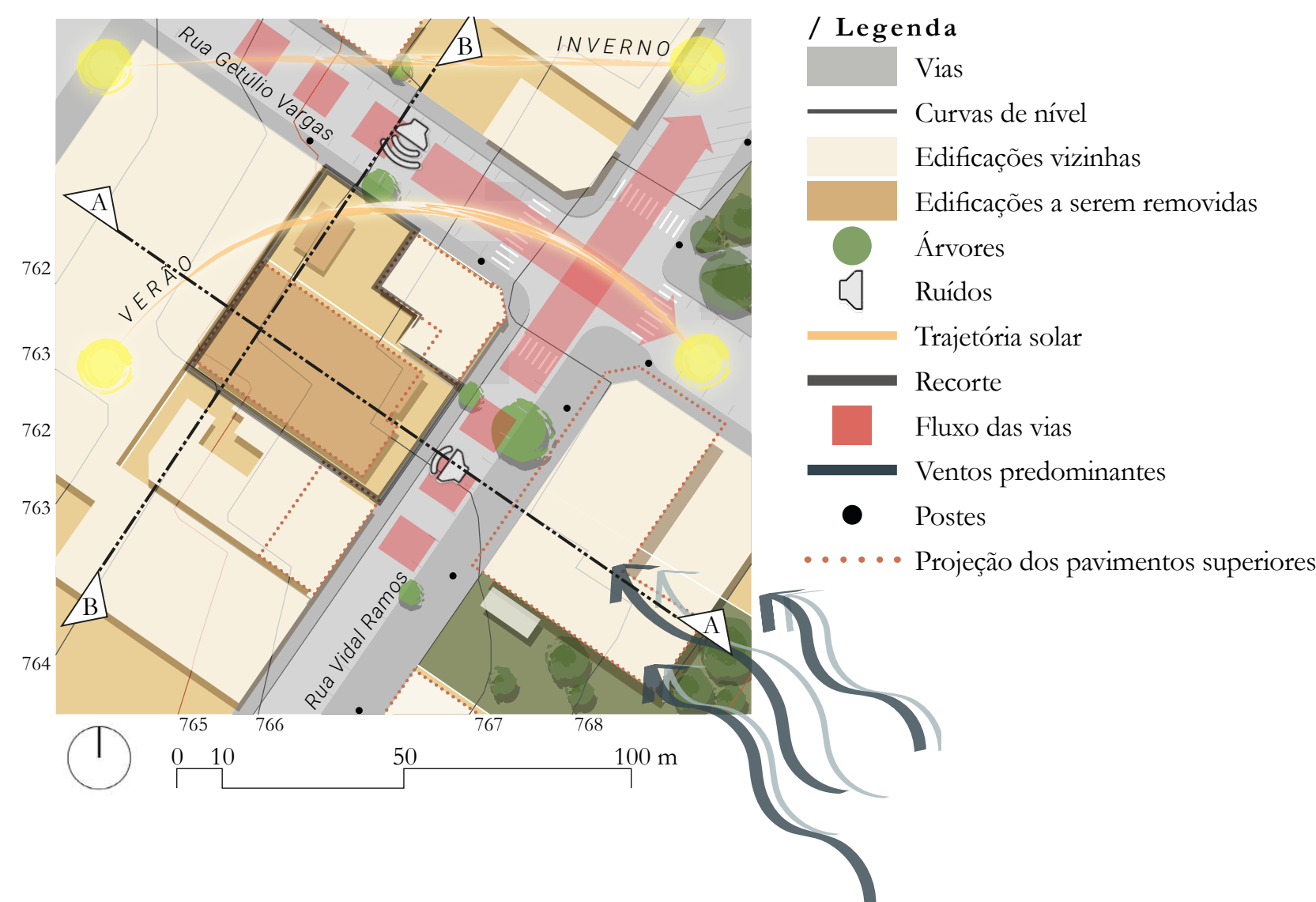
Fundação Cultural Edificação a ser desocupada (Museu de Artes) Acesso em desnível Limite visual



Imagem 5. Vista da Rua Getúlio Vargas

ANÁLISES DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

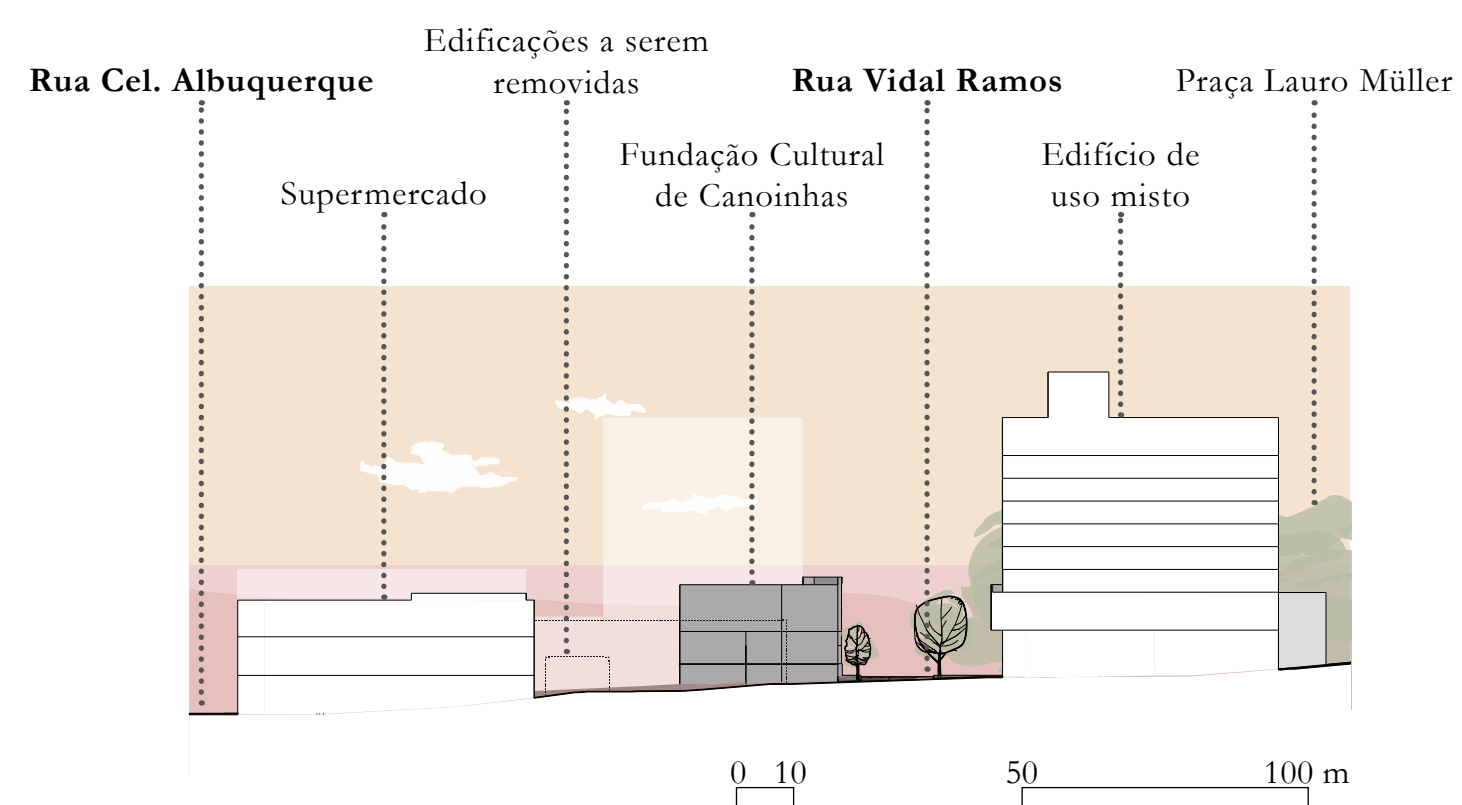
Análise de sítio e cortes



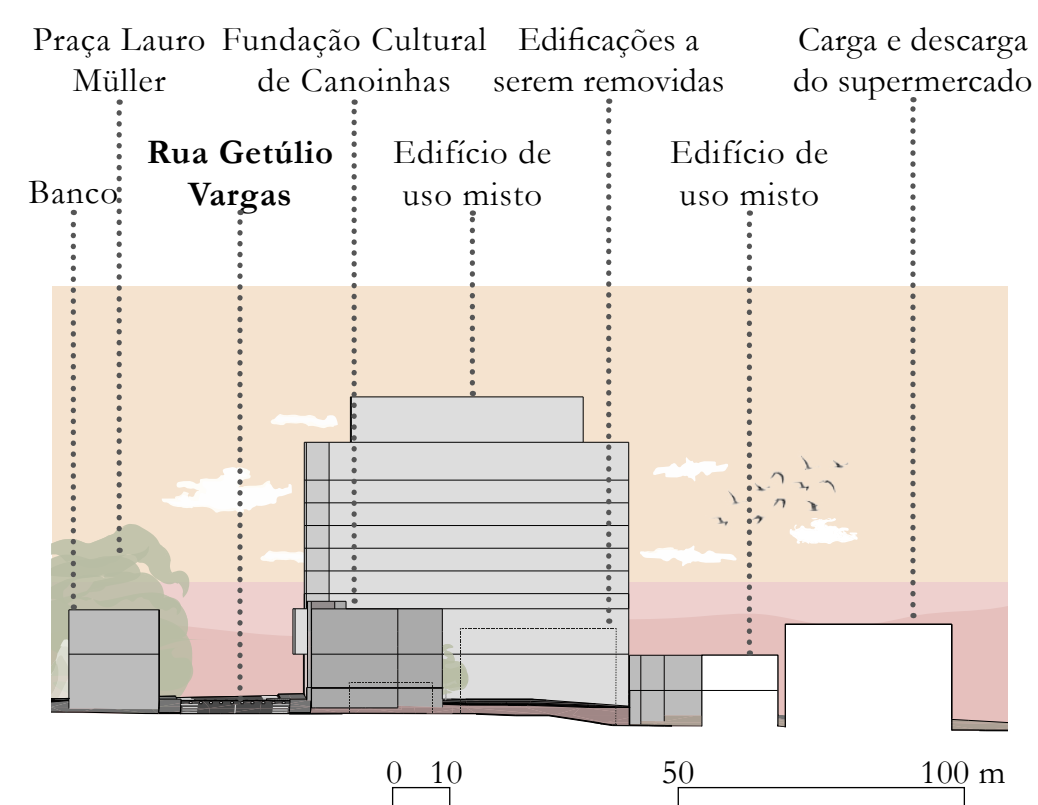
Dentre as condicionantes analisadas é possível perceber que o terreno tem pouca declividade — apenas 4 metros — e é um local de relação direta com o entorno, esses dois fatores tornam possível e desejável que a implantação da edificação possibilite a ligação facilitada para pedestres da Rua Getúlio Vargas a Rua Vidal Ramos. Além disso, a localização central promove um fluxo de pessoas constante, tanto no período diurno quanto no noturno, e a ligação direta com o edifício que reúne a Fundação Cultural, a Biblioteca Pública e o Museu Histórico justifica e cumpre o objetivo de criar um pólo cultural para Canoinhas.

Área total 1342,1m²

CORTE AA'

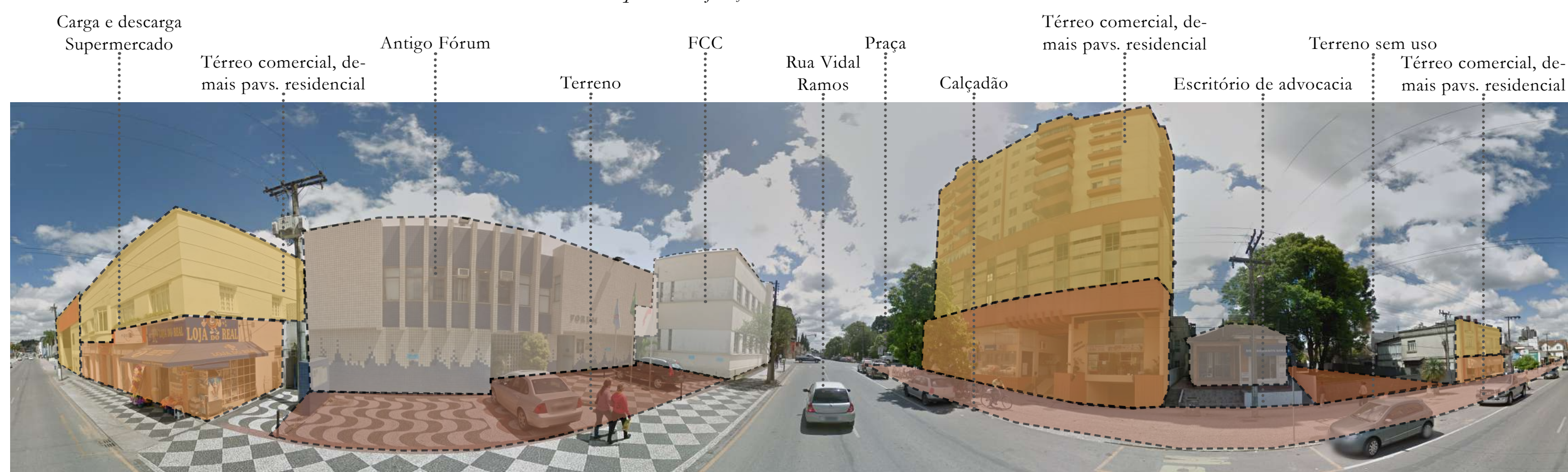


CORTE BB'



ANÁLISE DAS VISUAIS

Tipos de edificação, alturas outras condicionantes



DIRETRIZES E PROGRAMA

Programa de necessidades estendido

Legenda

- n° Relação com diretrizes
- Uso diurno
- Uso noturno
- Uso em ambos os períodos
- Uso principal
- Uso secundário
- Uso esporádico

espaços (m²) e lotação máxima

salas de aula específicas

– artes cênicas 100 m²

– música 20 m² (3 un.)

– demais 60 m² (3 un.)

estúdio de gravação

– 30 m² (música)

estúdio de gravação

– 100 m² (vídeo)

recepção e área de convivência 1 – 180 m²

ateliê livre 1 – 80 m²

ateliê livre 2 – 100 m²

(expressão corporal)

ateliê livre 3 – 100 m²

área externa – 150 m²

área de convivência 2 – 100 m²

palco e apresentações – 360 m²

café – 50 m²

*atividades já ofertadas pela Casa de Cultura

**sala de aula para o desenvolvimento das atividades do grupo UrbanStyle (50 alunos, divididos em 4 turmas) e Vivera Vida (sênior, 18 alunas)

/ setor administrativo	/ setor de serviços
Administração 30 m ²	Vestibário de funcionários 20 m ²
Coordenaria 20 m ²	Copa 20 m ²
Financeiro 20 m ²	Depósito geral 25 m ²
Curadoria 20 m ²	Manutenção 25 m ²
Direção de cultura 20 m ²	DML 10 m ²
Recepção 20 m ²	Sanitários 30 m ² (4 un.)
Almoarifado 15 m ²	Depósito de lixo/gás 15 m ²
Sala de reuniões 40 m ²	

/ setor de apoio

Camarins	25 m ² (2 un.)
Reserva técnica e sala de montagem	100 m ²
Foyer	150 m ²
Sala de professores	30 m ²
Bilheteria/informações	15 m ²
Depósitos (figurino, instrumentos, etc)	25 m ² (2 un.)

/ pré-dimensionamento total

(setores técnicos e atividades culturais)

2.540 m²

1 Isolamento acústico, luz natural, mobiliário com cadeiras, suporte para partituras, armários adequados para manter os instrumentos e equipamentos de apoio.

2 Isolamento acústico, sala ampla com espelhos, iluminação natural indireta, pé direito mais alto, vão livre, piso de baixo impacto, barras de apoio e espaço para armazenamento de tatames.

3 Iluminação natural, espaço amplo, materialidade honesta e aparente, mobiliários com mesas, cadeiras, bancadas com pia, armários.

4 Iluminação natural, espaço funcional com mesas, cadeiras, e armários para manter equipamentos de apoio em geral.

5 Espaço amplo e funcional com mesas, cadeiras, equipamentos adequados e armários para manter demais equipamentos de apoio.

6 Iluminação natural, mesas largas, manequins, armários para os diferentes tipos de equipamentos, amostras e materiais, materialidade honesta e aparente.

7 Espaço tranquilo com iluminação natural indireta, acesso facilitado à biblioteca, mesas e cadeiras, tanto individuais quanto para pequenos grupos.

8 Espaço aberto e informal com baixo fluxo de pessoas e baixa incidência de luz.

9 Palco/área de apresentações grande para dança e teatro, iluminação controlada, lugares para até 150 pessoas sentadas, espaço fechado mas acessível e visível, foco total no palco.

10 Espaços diversos, tanto internos quanto externos, propor em algumas das áreas de convivência a possibilidade de paredes/divisórias móveis para exposições mais convencionais ou que exigem um itinerário.

11 Balcão com um atendente, localizado em um espaço aberto, com iluminação natural, espaço para manter folders e outros materiais de divulgação da cidade.

12 Ambiente controlado, com isolamento acústico, mesa, cadeira e equipamentos referentes à gravação.

13 Ambiente controlado, pequeno, fechado, antecâmara, mesas, cadeiras.

14 Sala confortável, arejada, clara, com mesas para pequenos grupos, quadro branco, projetor.

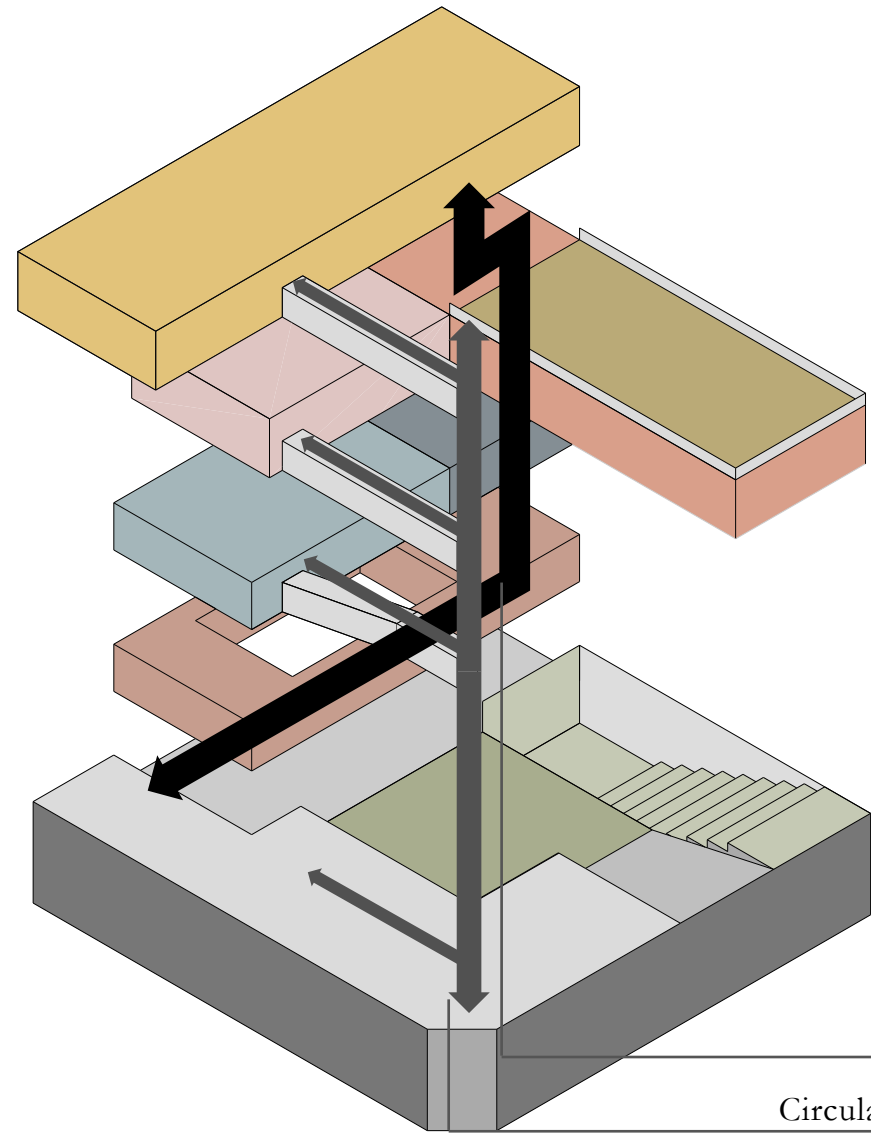


ZONEAMENTO

Ambiências e zoneamento perspectivado explodido

O zoneamento foi pensado para que as áreas sejam agrupadas conforme suas funções, necessidades e afinidades, reunindo as atividades descritas nas seguintes ambiências:

1 / música e vídeo Salas de aula de música Estúdio de gravação (música) Estúdio de gravação (vídeo) Ateliê livre 1 e 2 Sanitários Circulação vertical	3 / artes cênicas e visuais Salas de aula de dança Ateliê livre 3 (expressão corporal) Ateliê livre 4 Vestitários Circulação vertical Espaço externo para atividades	5 / recepção e apoio Setor administrativo Setor de serviço Recepção Área de exposições e convivência Café Circulação vertical	7 / palco e cinema externo
2 / praça interna	4 / terraço	6 / área de convivência 2 Sala principal com acesso à Biblioteca Municipal	8 / auditório Auditório (240 lugares) Setor de apoio Foyer Sanitários
			9 / mezanino Espaço para exposições referentes aos espetáculos Mezanino Setor de apoio



A volumetria foi pensada de forma a respeitar a edificação da Fundação Cultural, mas ainda interagir com ela. A fim de conectar a rua com o interior do edifício, propôs-se áreas de estar internas e externas no pavimento térreo, além de um palco e arquibancada que também servem como espaço de estar quando não há o uso para apresentações. Pensando em maximizar essa relação entre área externa e interna, intenta-se que os dois primeiros pavimentos voltados à Rua Vidal Ramos sejam permeáveis visualmente, através do uso do vidro, trazendo a narrativa das atividades para o olhar do pedestre que passa pelo passeio.

Através da forma e implantação, optou-se por dar maior hierarquia para as atividades principais da Casa, dividiu-se portanto os usos em dois grandes blocos: *Música e Vídeo* e *Artes Cênicas e Visuais* que unem-se perpendicularmente através do eixo de circulação vertical. Essa solução não é apenas estética, devido ao ruído particular de cada bloco de atividades, intenta-se separar esses usos para que não se conflituem entre si.

A localização do bloco de Artes Cênicas e Visuais também foi estratégico com intenção de ligá-lo ao terraço proposto, considerando que o espaço externo também é bastante explorado nesses tipos de atividades.

Circulação vertical pelas escadas

Circulação vertical pelo elevador e passarelas



1. Acesso pela Rua Vidal Ramos



2. Acesso pela Rua Getúlio Vargas

PLANTA DE COBERTURA

Escala: 1/500



PROPOSTA

Proposta e materialidade

A proposta surgiu a partir da intenção de criação de um núcleo articulador das atividades culturais na cidade, entendendo-se a Fundação Cultural como a principal instituição articuladora de eventos culturais no município propôs-se a implantação abraçando a Fundação Cultural, o que tornou-se uma condicionante fundamental na volumetria escolhida.

A disposição do programa em altura abriu espaço para a criação de uma praça interna, conectando as ruas através de um espaço fluido, sem interrupções na calçada.

O acesso principal da Casa, que se dá pela Rua Major Vieira, é recuado do limite da calçada e levemente elevado, criando um distanciamento que permite deixar expostos os pilares de concreto e madeira laminada colada que seguram o bloco superior, evidenciando também a laje nervurada de concreto aparente.

Além do acesso principal, optou-se por ligar o pavimento térreo com a recepção, criando-se ali uma ligação direta entre as entidades e resolu-

do-se a acessibilidade de ambos os edifícios através da torre única de elevador.

O café surge como uma vitrine que se projeta em direção a calçada, pairando alguns centímetros sobre um tapete de vegetação colorida que demarca o acesso e também convida o pedestre a entrar.

A vegetação foi utilizada de forma a marcar momentos dentro da praça, os canteiros altos são ladeados por bancos largos de madeira e possuem vegetações em tons verdes ou em tons avermelhados em locais próximos aos acessos – no acesso da edificação e do mezanino, e nos acessos da praça.

A estrutura da Casa de Cultura é de concreto, com lajes nervuradas que vencem vãos de 12,40 m e 15,50 m, amparados por pilares cogumelo nas áreas internas e grandes pilares árvore em concreto e madeira laminada colada nas áreas externas. As paredes internas são de estrutura leve metálica e placas de concreto, o que evita a sobrecarga dentro da edificação.

A pavimentação da área externa foi escolhida de modo a possibilitar que houvesse melhor drenagem, além de procurar-se dar continuidade no passeio da rua.

/ áreas gramadas com presença de vegetação arbustiva, herbácea e gramíneas, criando massas de vegetação contínuas aos limites da praça.

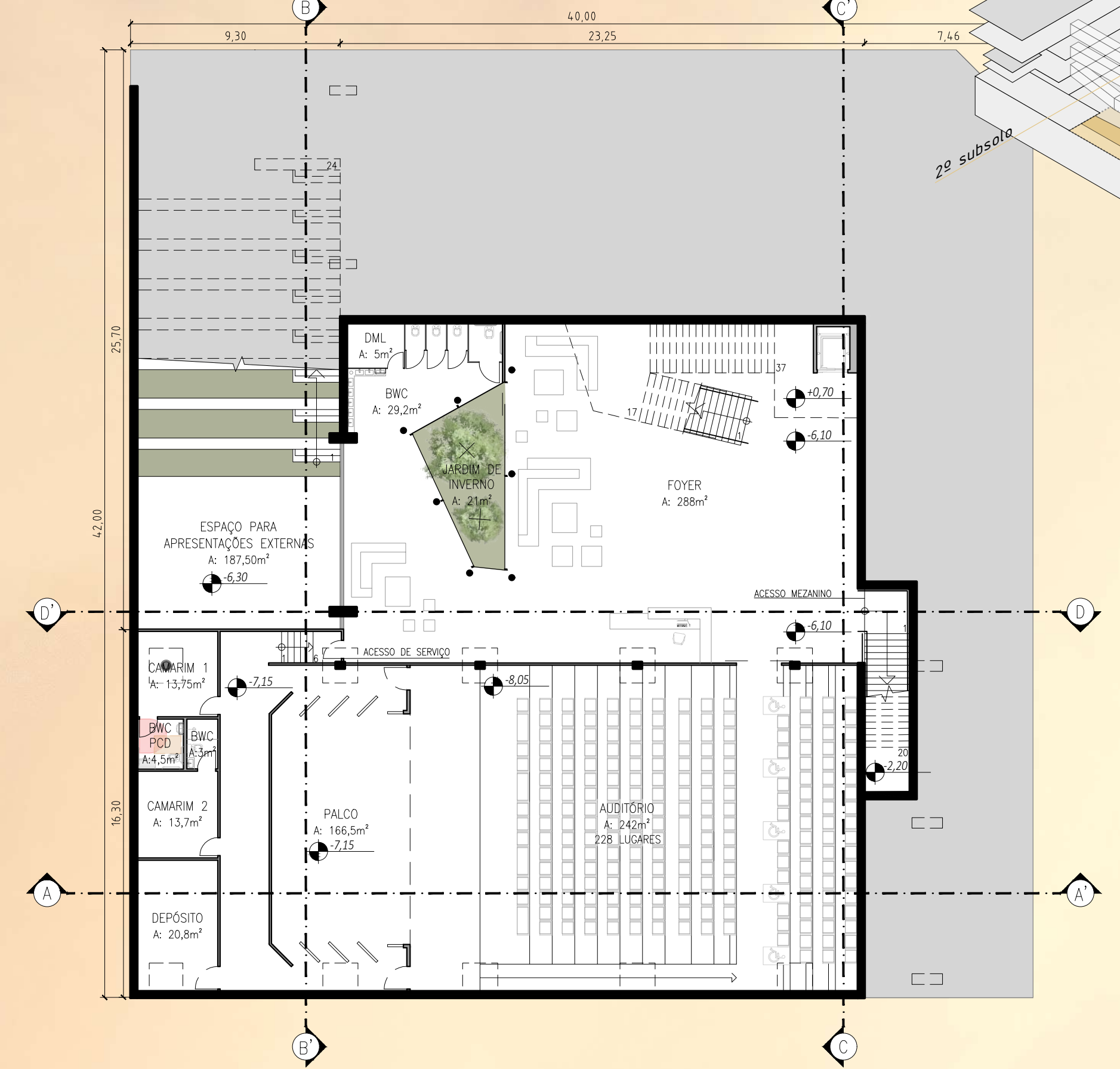
/ piso monolítico em concreto Utilizado nas escadas e na área central da praça, age com função semelhante ao concregrama, pois foi utilizado em uma área gramada para melhorar o escoamento das águas que se dá pelos pilares metálicos do foyer, que também têm função de calha.

/ cimento queimado utilizado na arquibancada externa e no palco, é um material resistente e neutro, que atua também como um plano de fundo para os eventos que estejam ocorrendo no local.

/ pedra portuguesa optou-se pela utilização da pedra portuguesa por ser um material comum na região e já estar presente nos passeios que circundam o terreno, criando na praça uma sensação de continuidade, a pedra é um material resistente e permeável, além de estar presente na memória afetiva da população local.

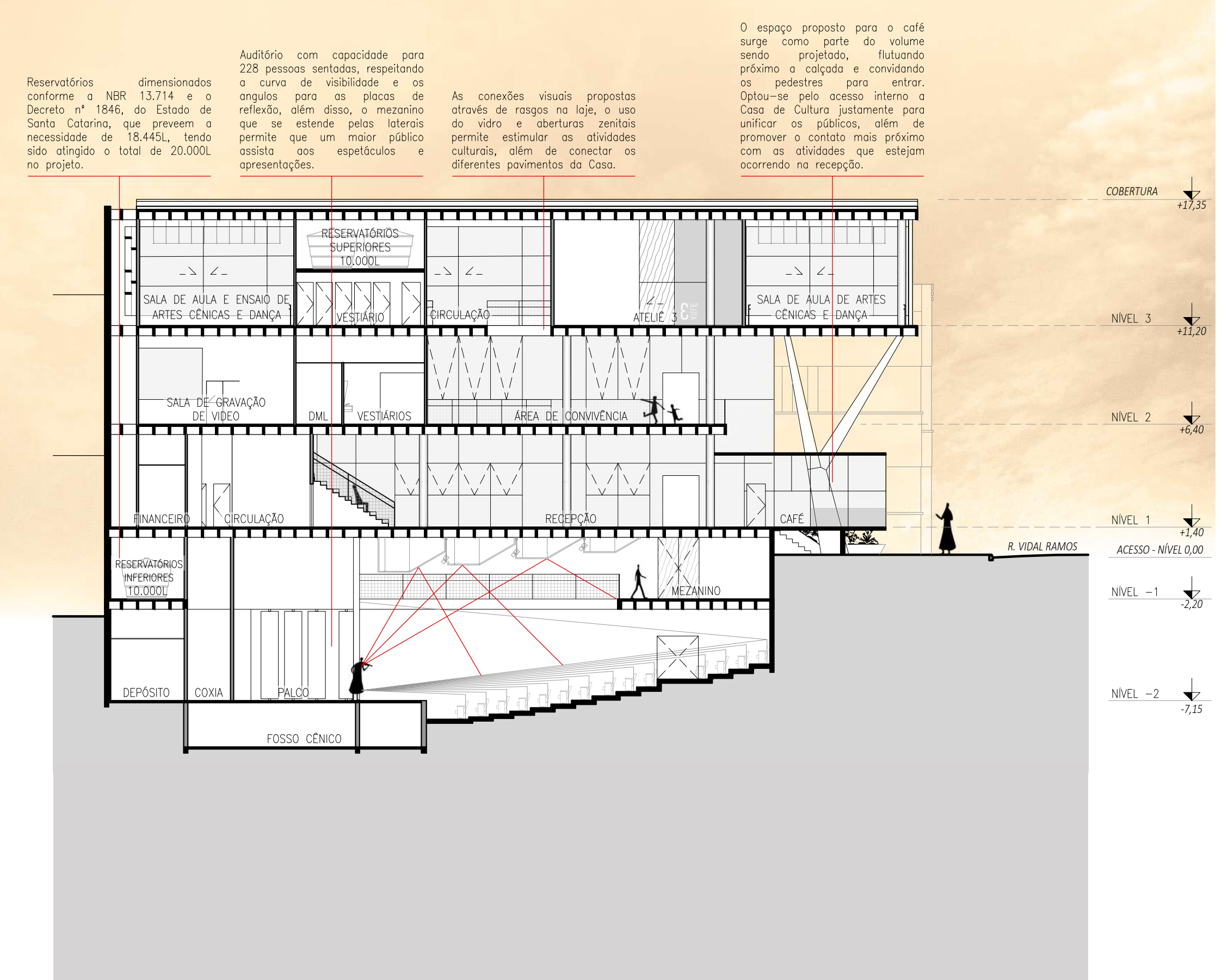
PLANTA BAIXA DO 2º SUBSOLO

Escala: 1/200

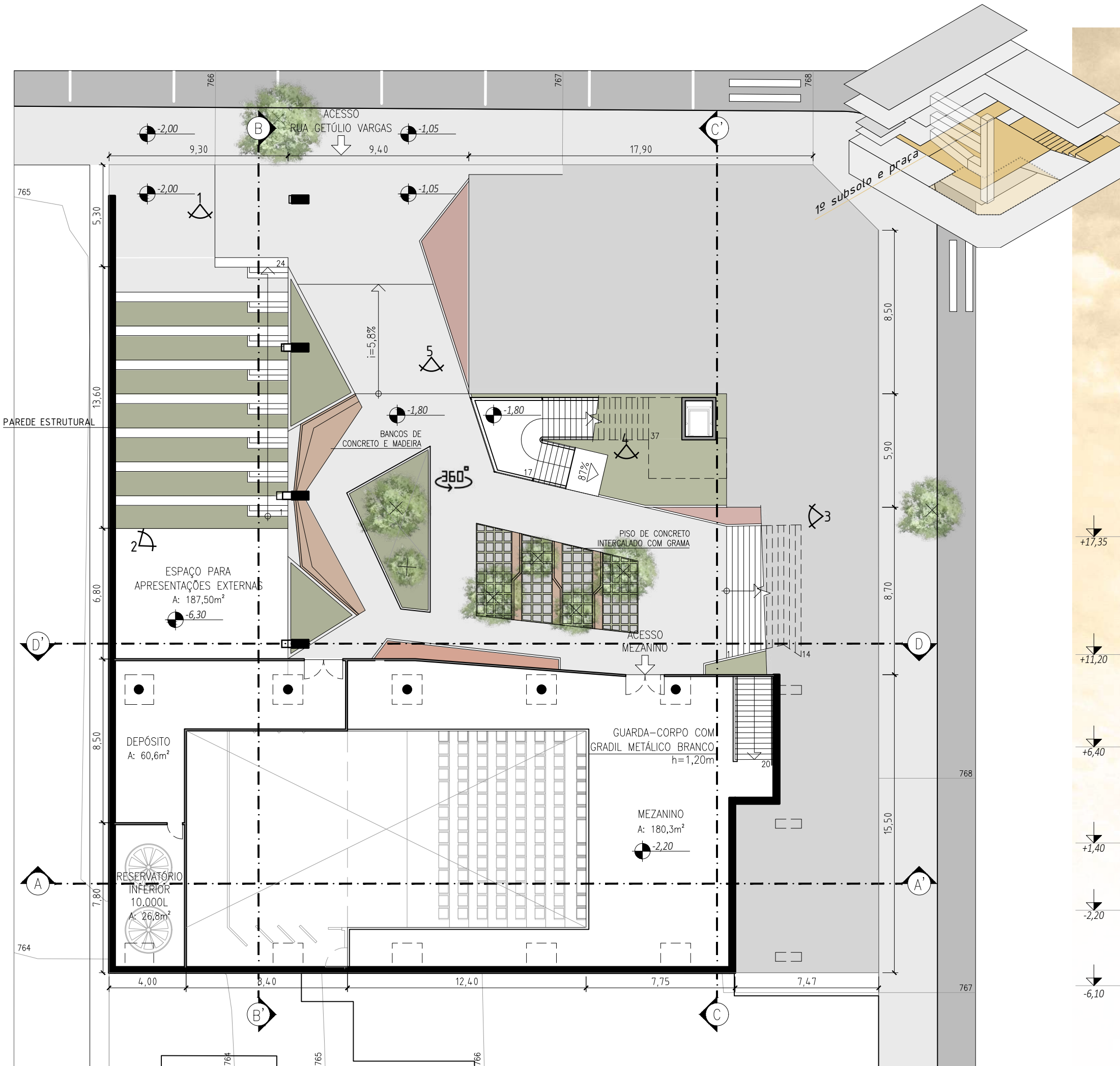


CORTE AA'

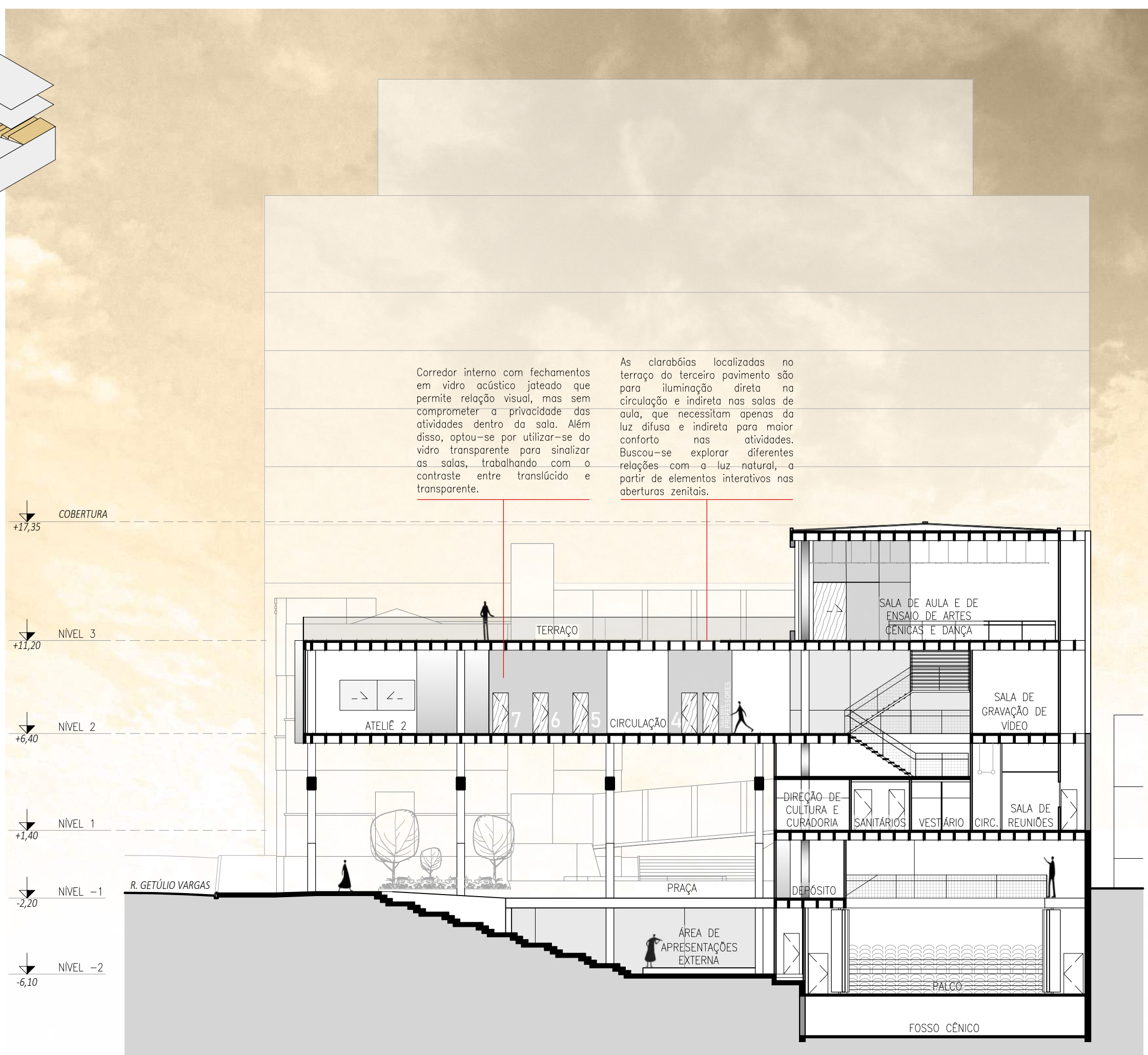
Escala: 1/200



PLANTA BAIXA DO 1º SUBSOLO E PRAÇA
Escala: 1/200



CORTE BB'
Escala: 1/200



1. Área de apresentações externa



2. Área de apresentações externa e conexão com o foyer do auditório

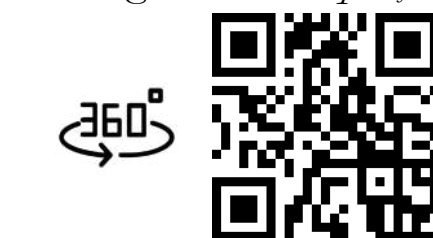
Na circulação vertical do elevador propôs-se o afastamento dele em relação a Casa, aproximando-se da Fundação, esse afastamento gerou passarelas que também atuam como pórticos no acesso da praça pela Rua Major Vieira. Optou-se por empregar nessa circulação, assim como nas escadas internas, o aço branco. Nos fechamentos das passarelas utilizou-se vidro translúcido e vidro

transparente, o que permite pequenas áreas de visibilidade total que se contrapõem com a visão opaca do outro material. Ainda, o uso do vidro translúcido permite que as passarelas brilhem como lanternas no período noturno, o que desperta ainda mais o interesse dos pedestres passando pela praça ou pela calçada.

A fim de fomentar o interesse pelas atividades abertas que podem vir a ocorrer no auditório, propôs-se uma grande área de mezanino que pode abrigar exposições referentes aos espetáculos e eventos que estão ocorrendo. Ainda, o espaço possui uma escada que dá acesso direto ao foyer, o que permite que eventos abertos possam receber ainda mais plateia.

O mobiliário proposto para as áreas externas segue a mesma linguagem dos canteiros altos, com ângulos inclinados e base de concreto. No assento e no encosto fez-se uso da madeira, com uma mudança de ângulos na forma do encontro foi possível criar áreas de estar para grupos e para pessoas sozinhas. A vegetação presente nesse local mascara a sensação de visibilidade de se estar no centro da praça, além de garantir sombra nos meses mais quentes do ano.

Imagem 360° da praça



ou [clique aqui](#)

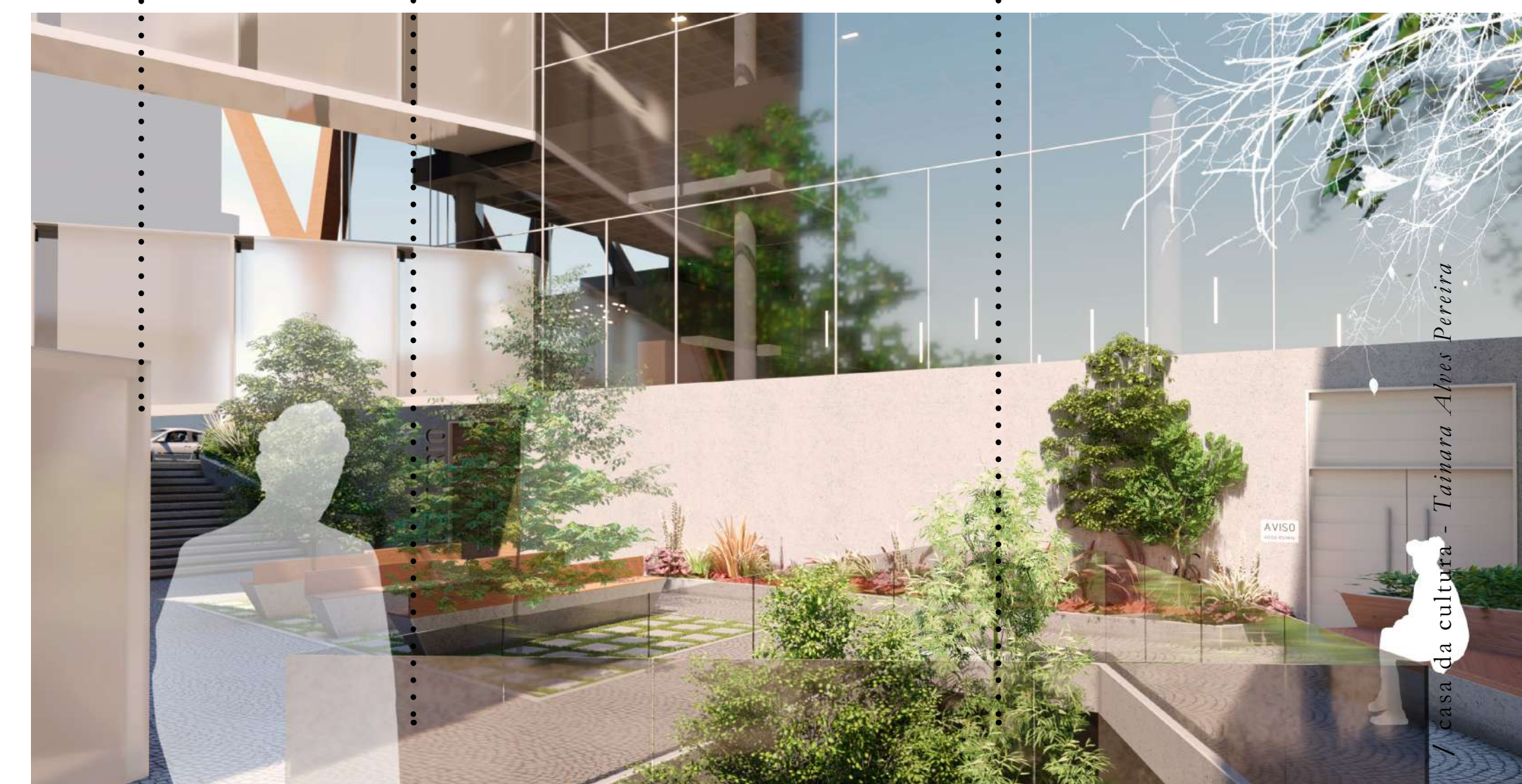
- Recepção
- Bloco da Música e Vídeo
- Fundação Cultural
- Vegetação herbácea, arbustiva e gramíneas
- Acesso ao mezanino do auditório
- Árvores de pequeno porte
- Acesso auditório
- Pedra portuguesa
- Recorte na laje do jardim de inverno do foyer permite entrada de luz natural



3. Vista da praça a partir do acesso pela Rua Vidal Ramos

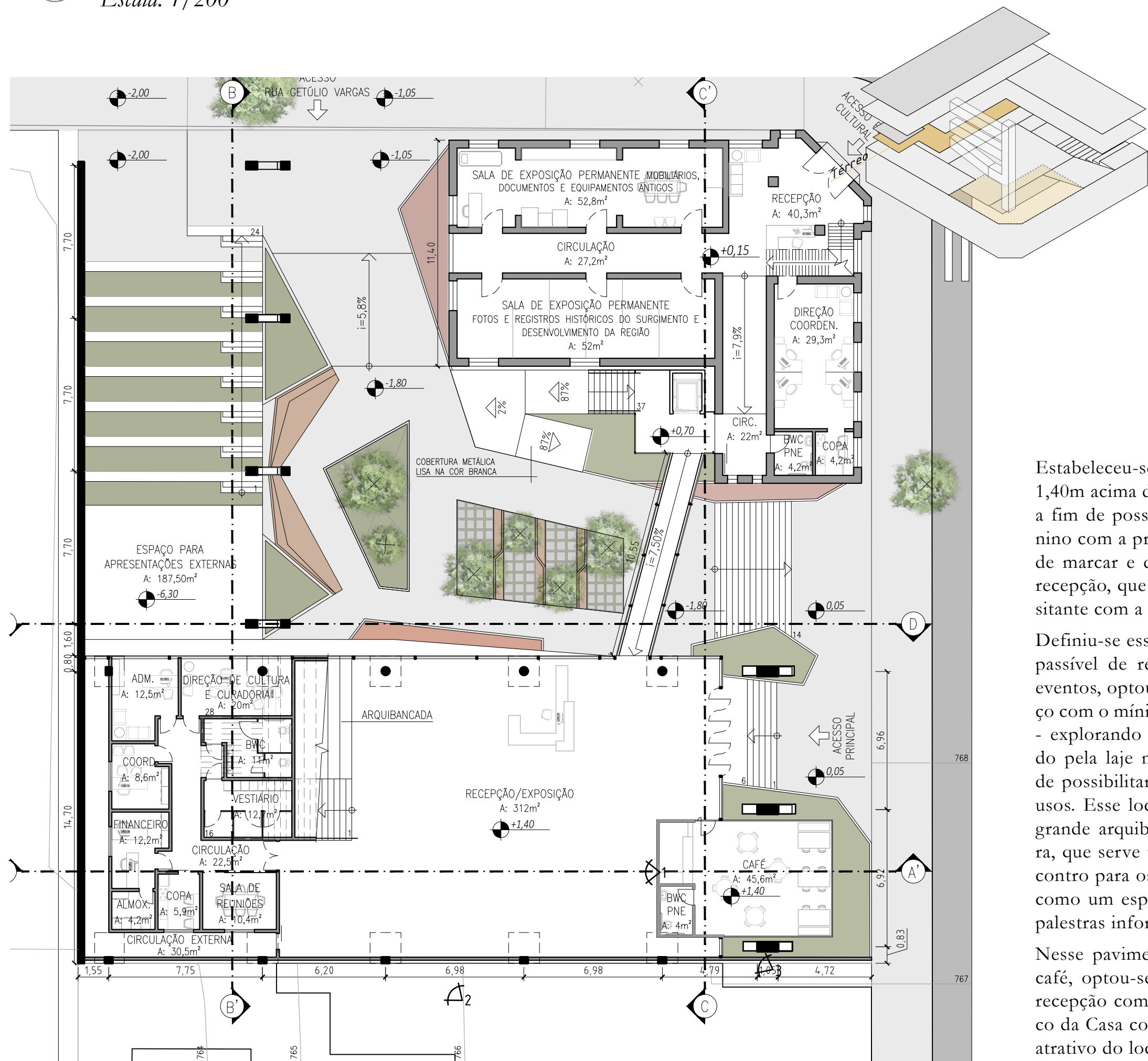


4. Vista da praça a partir do acesso pela Rua Major Vieira



5. Vista da praça a partir do acesso pela Rua Getúlio Vargas

PLANTA BAIXA DO TÉRREO
Escala: 1/200



Estabeleceu-se o pavimento térreo a 1,40m acima do nível da Rua Vidal Ramos a fim de possibilitar a conexão do mezanino com a praça, mas também no intuito de marcar e dar hierarquia ao espaço de recepção, que é o primeiro contato do visitante com a Casa.

Definiu-se essa área como um grande hall passível de receber exposições e outros eventos, optou-se, portanto, por um espaço com o mínimo de interferência possível - explorando o grande vão proporcionado pela laje nervurada - com a intenção de possibilitar os mais variados layouts e usos. Esse local conta também com uma grande arquibancada revestida de madeira, que serve tanto como um local de encontro para os alunos e visitantes, quanto como um espaço para pequenos shows e palestras informais.

Nesse pavimento também se encontra o café, optou-se por localizar seu espaço pela recepção com o objetivo de unir o público da Casa com o do café, que é mais um atrativo do local.

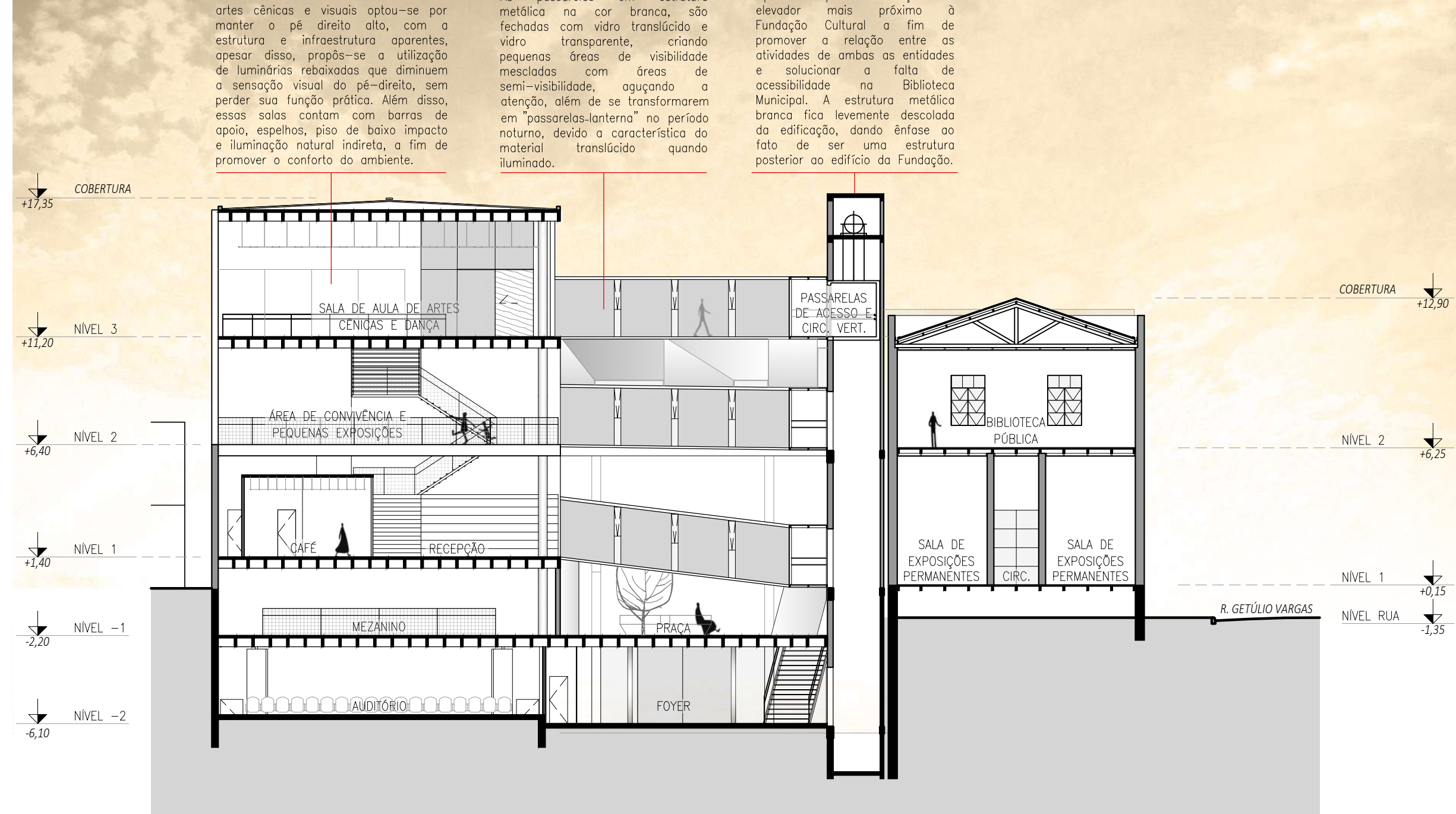
Além disso, o pavimento térreo também abriga toda a área administrativa, que é iluminada através de um fosso de luz por toda a sua extensão.

A fim de melhorar os fluxos e potencializar as atividades da Fundação Cultural propôs-se uma pequena reforma nos espaços, retirando-se algumas paredes de uma reforma anterior e propondo espaços mais unificados.

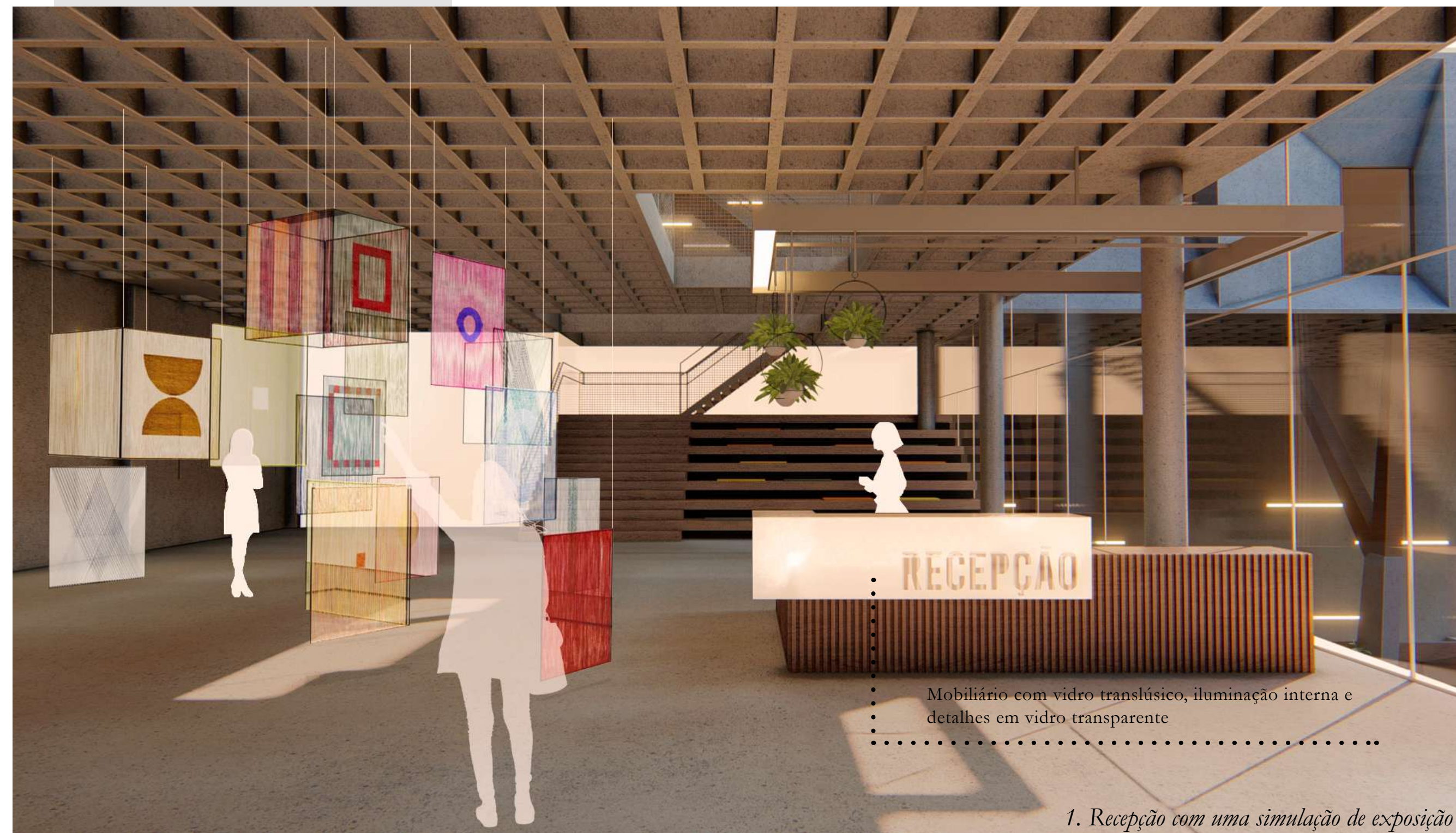
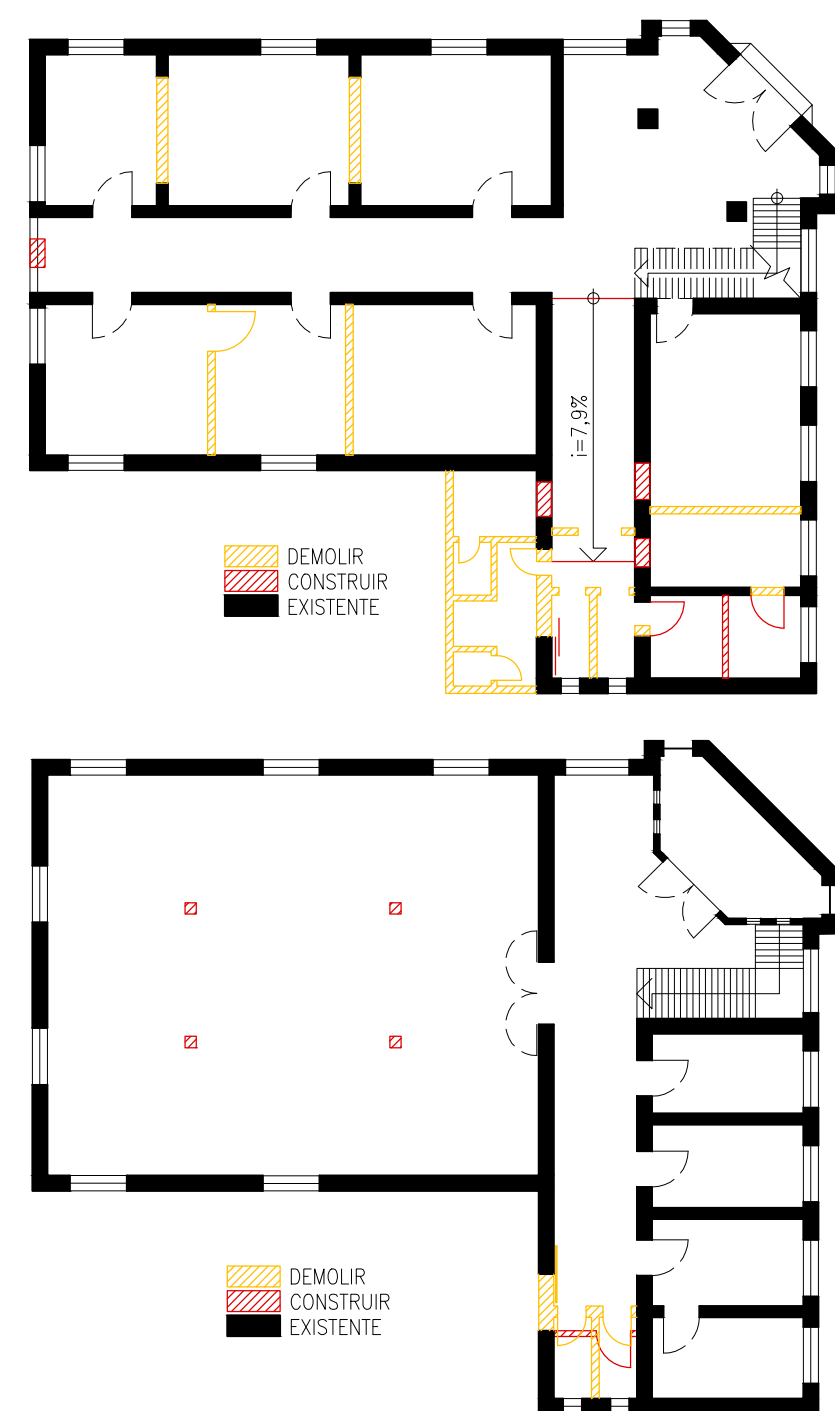
No pavimento térreo sugeriu-se a remoção das paredes das salas de exposição e a reorganização do setor de apoio. Além disso, fez-se necessária a implantação de uma rampa, a fim de vencer todo o desnível até a recepção.

No pavimento superior as alterações foram ainda menores, fez-se necessário apenas a abertura de uma janela para o acesso pelo elevador e a adaptação dos sanitários por um conforme as normas de acessibilidade, levando-se em consideração a proposta original de tornar a Biblioteca Municipal acessível.

CORTE CC'
Escala: 1/200

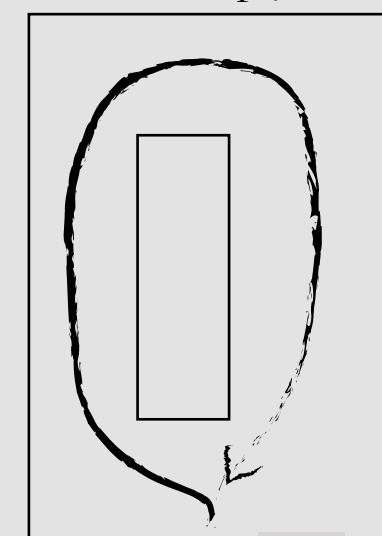


/ planta demolir e construir da Fundação
Escala: 1/200

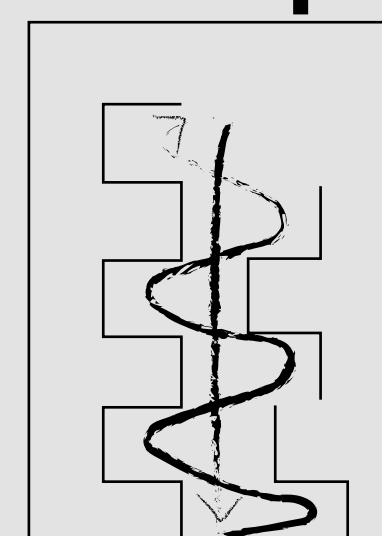


1. Recepção com uma simulação de exposição

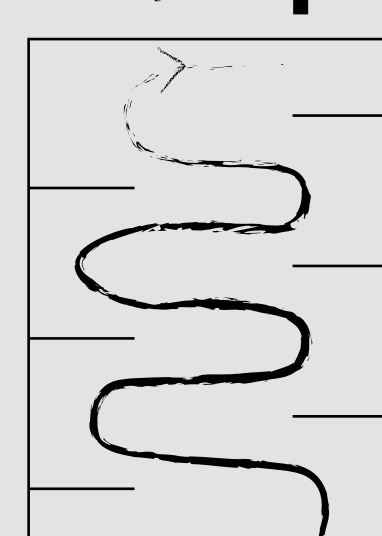
/ possibilidades de percurso para exposições na recepção



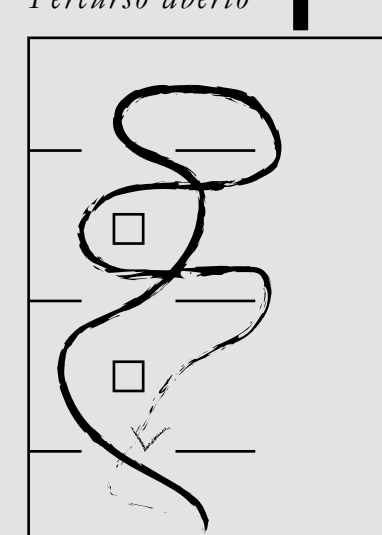
Radial



Percurso fechado



Percurso aberto



Percurso livre

Acesso do setor administrativo Arquibancada revestida de madeira Pilares redondos recuados da pele de vidro



2. Arquibancada e acesso para setor administrativo

Panel de madeira Relação visual com a recepção Barreira visual abaixo de 1,20m



3. Interior do café



1. Circulação e área de estar do terceiro andar

O segundo andar foi pensado de forma a localizar todas as atividades com maior ruído o mais distante possível das demais atividades, logo ao chegar nele dá-se de cara com um longo corredor (imagem abaixo) que dá acesso a todas as salas e ateliês necessários. Na intenção de evitar criar um caminho claustrofóbico e monótono utilizou-se três materiais principais que vão se intercalando ao longo do percurso: concreto, madeira e vidro translúcido, que permite um vislumbre das atividades dentro das salas, mas sem prejudicar a privacidade de seus ocupantes. Aproveitando a estética opaca do vidro propôs-se detalhes em vidro transparente sinalizando o número das salas de aula e os demais recintos.

As áreas que não possuem janelas contam com iluminação zenital de três tipos: no corredor, iluminação direta através de uma cobertura de vidro, que acentua ainda mais a estrutura aparente; nas salas utilizou-se de janelas basculantes altas, tipo sheds, que permitem a ventilação e; ainda, claraboias, para intensificar a entrada de luz natural.

Do outro lado propôs-se uma área de estar e estudos que se liga à Biblioteca Municipal, suprimindo também a demanda de mais espaços de leitura para a biblioteca. Essa área foi pensada como um espaço amplo e transparente, que possa abrigar grupos de estudos, clubes de leitura, lançamento de livros, exposições de fotos e desenhos, reuniões em geral, entre outras atividades similares. Do mesmo modo, buscou-se promover bastante contato visual com o resto da Casa visto que este é um local promotor de encontros e atividades culturais



2. Circulação, conexão com a biblioteca e área de estar com proposta de exposição para o segundo andar



3. Corredor do segundo andar iluminado pela luz zenital

O terceiro andar tem como principal função abrigar as atividades de artes cênicas e visuais, com salas de dança/teatro, um ateliê para montagem de figurinos e artesanatos, vestiários e uma conexão com o terraço.

Essas áreas foram pensadas de maneira a atender as necessidades das atividades, a localização estratégica no último andar garante uma área externa mais privada para as aulas ao ar livre, além de aproveitar o pé-direito mais alto, – necessário para as caixas d'água – nas salas de dança, que pedem maior amplitude para um melhor conforto durante as atividades.

Optou-se pelo uso de vestiários e sanitários sem distinção de gênero em toda a Casa, partindo do entendimento que um local que se propõe a ser promotor de cultura deve, minimamente, garantir a liberdade de expressão de todos aqueles que o frequentam. As soluções arquitetônicas foram bastante simples: espaços mais abertos, com cabines de chuveiros e vasos sanitários com divisórias mais altas.

A linguagem utilizada nas aberturas internas – portas de acesso aos ambientes – segue a mesma linguagem que o segundo andar, mesclando-se o uso do concreto, com madeira e vidro translúcido, apenas com aberturas maiores de vidro, para melhor visibilidade nas salas maiores.



4. Circulação do segundo andar, recortes na laje ampliam a conexão visual entre os andares da edificação

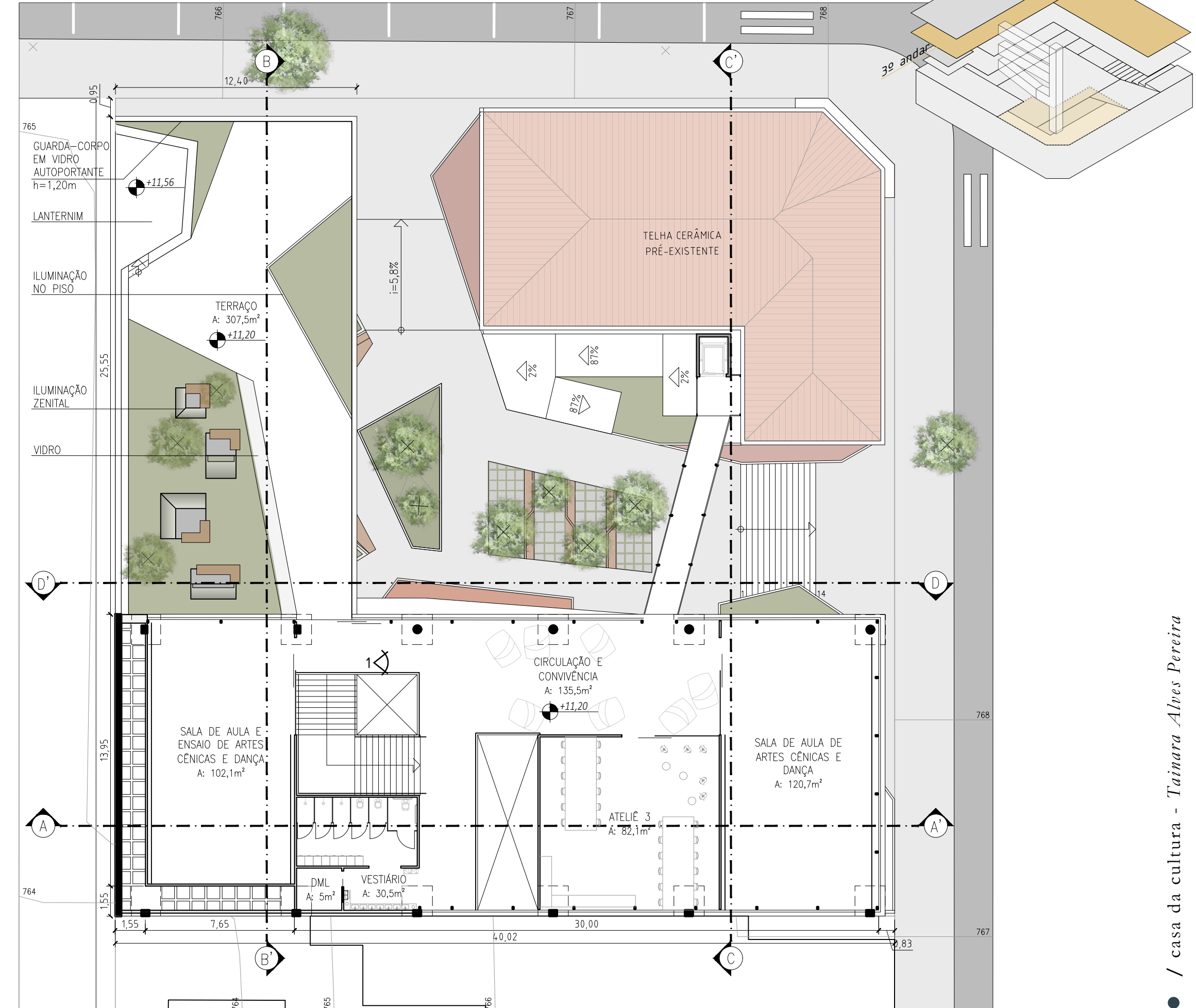
PLANTA BAIXA DO 2º ANDAR

Escala: 1/200



PLANTA BAIXA DO 3º ANDAR E TERRAÇO

Escala: 1/200



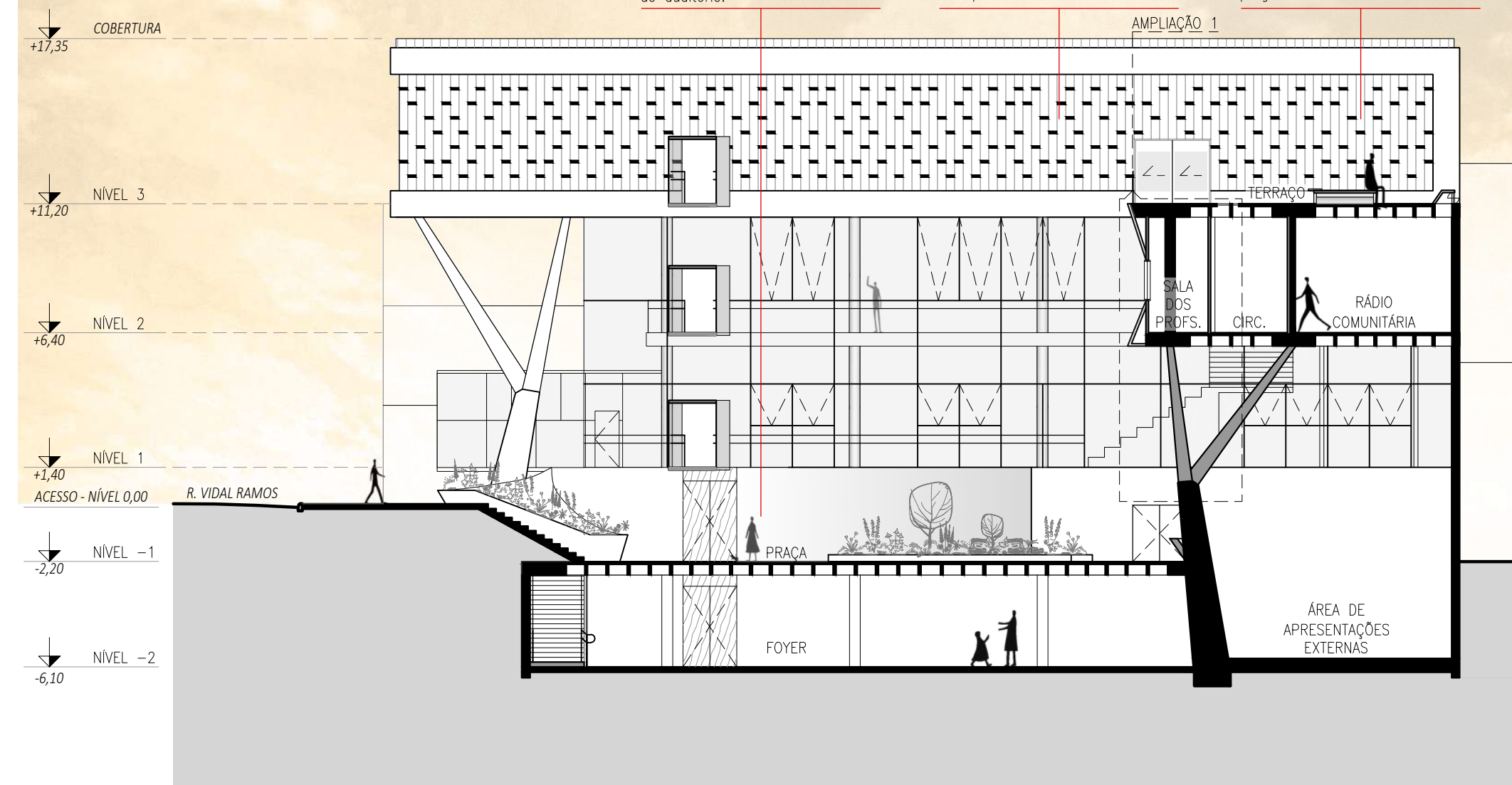
CORTE DD'

Escala: 1/200

A praça pública busca explorar espaços de estar e estabelecer maior contato com o público externo, além de proporcionar acesso ao mezanino, que é uma entrada facilitada para espaços abertos, além de atuar como espaço para exposições referentes às peças e dar acesso ao foyer do auditório.

O volume das atividades relacionadas às artes cênicas e visuais é emoldurado pelo concreto e envolvido pelos brises fixos que destaca o volume superior sobresalente, além de proteger os salões da incidência solar direta. A projeção do pavimento colabora protegendo os níveis inferiores mais transparentes.

A área destinada às atividades relacionadas à música, vídeo e expressões artísticas – como pintura e desenho – foi estrategicamente localizada no bloco que se projeta perpendicularmente aos demais espaços a fim de isolar as atividades de maior ruído, além de proporcionar hierarquia visual para o espaço que conta com grande parte do programa de atividades da Casa.



AMPLIAÇÃO 1

Escala: 1/50

Abertura zenital em vidro permite a relação visual entre a circulação e o terraço, além de proporcionar entrada de iluminação natural.

Laje grelha de concreto com com tubulações de água, esgoto e elétrico distribuídas pela sua extensão.

Ferro tipo grelha metálica permite a visualização da estrutura e instalações, sem deixá-las totalmente aparentes. Também serve de estrutura para a fixação da iluminação.

Placas de concreto inclinadas fixadas em estrutura leve metálica.

Pilar de concreto com capitel.

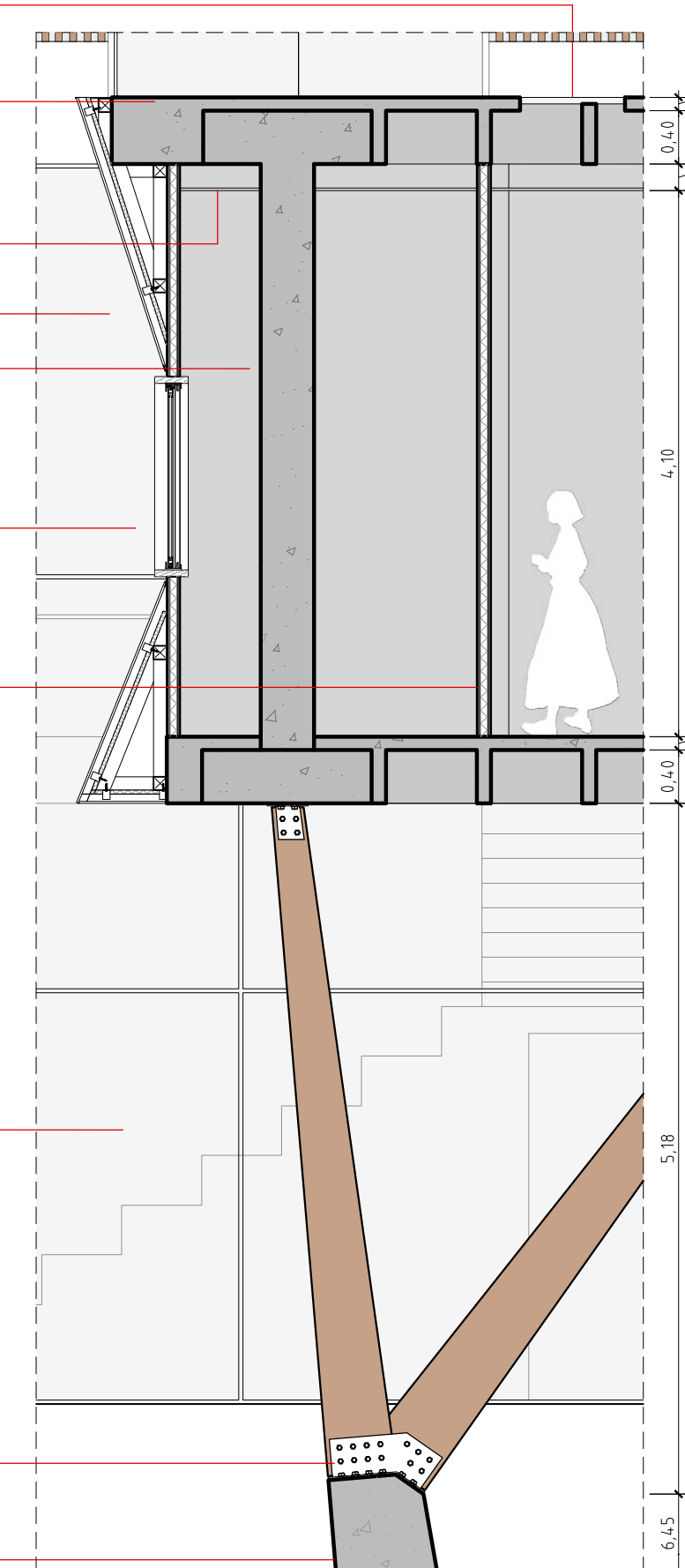
Esquadria com estrutura metálica branca e vedação em vidro insulado, duas folhas de correr e montantes de madeira emoldurando a abertura. Peltoril de 1,25m.

Fechamentos em drywall em placas de concreto, com 13 de isolamento. Acabamento externo e interno tipo aparente.

Fechamento tipo pele de vidro com estrutura metálica interna branca, vidro insulado e aberturas tipo maxi-ar.

Pilares de madeira laminada colada fixados tanto na base, quanto na laje, através de estrutura metálica interna parafusada na base, impedindo o contato direto entre as partes da estrutura, mas mantendo uma estética limpa e fluida na forma.

Base dos pilares em concreto aparente.



INTERIORES

Acabamentos e mobiliário

O interior foi pensado de forma a refletir o conceito de amplitude e conexão visual do projeto arquitetônico. Optou-se pela utilização de móveis simples, de madeira, que podem ser fabricados dentro do próprio Fab Lab, nos espaços de estar do segundo e terceiro andar mesclam-se os móveis de trabalho com grandes puffs coloridos dispostos ao longo das circulações mais largas.

Nos acabamentos internos seguiu-se o padrão externo de se trabalhar com os materiais aparentes, a laje grelha fica visível em quase todos os cômodos, utilizou-se de seus módulos para a instalação de luminárias de embutir. As paredes menos favorecidas de luz natural contam também com sancas de iluminação, que além da função prática, também diminuem a sensação visual e trazem o edifício para a escala do usuário.

Para o piso nas partes internas escolheu-se o piso monolítico em concreto, devido a estética semelhante dos fechamentos em placas de concreto, sendo também um material resistente e de baixa manutenção.



Vista do terraço em direção ao bloco de artes cênicas e visuais



Vista interna do ateliê 1, destinado a atividades de desenho, pintura e colagens, localizado no segundo andar.



Vista das claraboias que iluminam o segundo andar.

Imagem 360° do ateliê 1



ou [clique aqui](#)

Além da função prática de proporcionar a entrada de luz natural as claraboias foram projetadas também como uma forma de explorar a relação interno-externo, além de definir diferentes níveis de interação do usuário com outras atividades que estão ocorrendo no andar abaixo, também atuam como mobiliário de apoio para as atividades que ocorrem no terraço.

REFERÊNCIAS

e lista de imagens

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13714**: Sistemas de hidrantes e de mangotinhos para combate a incêndio. Rio de Janeiro: Abnt, 2000. 25 p. Disponível em: <http://www.gmfmontagens.com.br/assets/content/downloads/031ae17ce13be-628f426873fd98b386b.pdf>. Acesso em: 21 set. 2019.

CAMPOMORI, Maurício José Laguardia (Org.). O que é avançado na cultura? In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. **A república dos saberes**: arte, ciência, universidade e outros saberes. Belo Horizonte: Ufmg, 2008. p. 73-80. Disponível em: <https://bit.ly/2UMxzKl>. Acesso em: 09 abr. 2019.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras Ltda., 1997. 384 p.

COELHO, Teixeira. **Usos da cultura**: políticas de ação cultural. São Paulo: Paz e Terra, 1989. 124 p.

LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (Org.). **Cidades médias e pequenas**: Teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: Publicações Sci, 2010. 250 p. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidades%20m%C3%A9dias%20e%20pequenas%20teorias,%20conceitos%20e%20estudos%20de%20caso.pdf>. Acesso em: 01 maio 2019.

MALRAUX, André. **An Essay in Political Criticism, 1967**. In: CULTURE. 2019. Disponível em: <https://en.wikiquote.org/wiki/Culture>. Acesso em: 04 maio 2019. Trecho original: "Culture would seem ... first and foremost, to be the knowledge of what makes man something other than an accident of the universe, be it by deepening his harmony with the world, or by the lucid consciousness of his revolt from it. ... Culture is the sum of all the forms of art, of love and of thought, which, in the course of centuries, have enabled man to be less enslaved."

GRUMAN, Marcelo. **Sobre o ensino de artes no Brasil**: notas para reflexão. 2018. Disponível em: <http://cultura.gov.br/255955-revision-v1/>. Acesso em: 28 abr. 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Antecedentes históricos do conceito de cultura**. In: Cultura: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Cap. 3. p. 24-28. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4362514/mod_resource/content/1/Bloco%201%20-%20Texto%20-%20Cultura%20-%20um%20conceito%20antropol%C3%B3gico%20Roque%20Laraia.pdf. Acesso em: 13 abr. 2019.

MILANESI, Luís. **A casa de invenção**: biblioteca centro de cultura. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 271 p.

SANTA CATARINA (Estado). **Decreto nº 1846, de 20 de dezembro de 2018**. Regulamenta o serviço de abastecimento de água para consumo humano no Estado de Santa Catarina e estabelece outras providências. Florianópolis, SC, 20 dez. 2018. Disponível em: <http://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-1846-2018-santa-catarina-regulamenta-o-servico-de-abastecimento-de-agua-para-consumo-humano-no-estado-de-santa-catarina-e-estabelece-outras-providencias>. Acesso em: 21 set. 2019.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Nova Cultural : Brasiliense, 1986. 89 p. Coleção Primeiros Passos.

SILVA, M. J. V., LOPES, P. W., XAVIER, S. H. V. **Acesso a Lazer nas Cidades do Interior**: um Olhar Sobre Projeto CINE SESI Cultural. VI Seminário 2009 ANPTUR, São Paulo/SP, 2009.

TOKARSKI, Fernando. **História de Canoinhas**. 2014. Disponível em: <https://www.pmc.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/25959>. Acesso em: 15 abr. 2019.

TOMPOROSKI, Alexandre Assis. **"O pessoal da Lumber!"**: Um estudo acerca dos trabalhadores da Southern Brazil Lumber and Colonization Company e sua atuação no planalto norte de Santa Catarina, 1910 – 1929. 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PHST0290-D.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.

/ lista de imagens

Imagem 1. Fachada da Fundação Cultural de Canoinhas, 2019. Acervo pessoal.

Imagem 2. Biblioteca Pública Alinor Vieira Corte, 2019.

Imagem 3. Museu Histórico Orty de Magalhães Machado, 2019. Acervo pessoal.